

UNIVAP - Universidade do Vale do Paraíba
Faculdade de Educação e Artes

BRENO ANTUNES SILVA

**O FUTEBOL NO CONTEXTO ÉTNICO-POLÍTICO DAS GUERRAS DO FIM
DA IUGOSLÁVIA – DÉCADA DE 1990**

São José dos Campos

2020

BRENO ANTUNES DA SILVA

**O FUTEBOL NO CONTEXTO ÉTNICO-POLÍTICO DAS GUERRAS DO FIM
DA IUGODLÁVIA – DÉCADA DE 1990**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba, como parte das exigências para obtenção de Licenciatura Plena em História pela Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP

Orientador: Profa. Dra. Katerine Roman Barreto

São José dos Campos

2020

BRENO ANTUNES DA SILVA

**O FUTEBOL NO CONTEXTO ÉTNICO-POLÍTICO DAS GUERRAS DO FIM
DA IUGOSLÁVIA – DÉCADA DE 1990**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade
de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba,
como parte das exigências para obtenção de Licenciatura
Plena em História pela Universidade do Vale do Paraíba -
UNIVAP

São José dos Campos, ____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a)

Prof. (a)

Prof. (a)

São José dos Campos – SP

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me sustém dia após dia, agradeço aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado me dando todo o apoio necessário, agradeço também a professora Katerine que me ajudou muito para que esse trabalho fosse concluído e a minha noiva que, desde o início do curso, foi minha companheira em todos os momentos.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o contexto étnico-político da Iugoslávia nas guerras por independência na década de 1990, relacionando-a ao futebol. Para essa análise as referências teóricas são embasadas em livros, artigos científicos, documentários e sites. Para a melhor compreensão do assunto o autor José Alves e o documentário da BBC “The death of Yugoslavia” são usados como referências para contextualização histórica, pois ambos mostram de forma fidedigna os fatos e acontecimentos referentes ao tema. As guerras por independência na década de 1990 na Iugoslávia são marcadas por “limpezas étnicas”, nacionalismos exacerbados e ódios ancestrais entre os envolvidos, questões que são explicadas a luz da história. Tornar-se-á claro que as disputas políticas nos anos 1990 se relacionam com o esporte mais famoso do mundo, o ódio entre as etnias é levado dos campos de batalha para os campos de futebol.

Palavras-chave: Iugoslávia; independência, limpezas étnicas; nacionalismo; futebol.

ABSTRACT

This work aims to analyze the ethnic-political context of Yugoslavia in the wars for independence in the 1990s, relating it to football. For this analysis the theoretical references are based on books, scientific articles, documentaries and websites. For a better understanding of the subject, author José Alves and the BBC documentary “The death of Yugoslavia” are used as references for historical context, as both show in a reliable way the facts and events related to the theme. The wars for independence in the 1990s in Yugoslavia are marked by “ethnic cleansing”, exacerbated nationalisms and ancestral hatreds among those involved, issues that are explained in the light of history. It will become clear that political disputes in the 1990s are related to the most famous sport in the world, hatred between ethnicities is carried from the battlefields to the football fields.

Keywords: Yugoslavia; independence, ethnic cleansing; nationalism; soccer.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. SEÇÃO I- OS ÓDIOS ANCESTRAIS.....	11
2.1 Sérvia x Albaneses do Kosovo.....	12
2.2 Evolução Geopolítica dos Balcãs.....	15
2.3 Os Ustashes: Croácia x Sérvia.....	18
3. SEÇÃO II- A IUGOSLÁVIA SOCIALISTA E AS GUERRAS POR INDEPENDÊNCIA NA DÉCADA DE 1990.....	23
3.1 Os nacionalismos no governo de Tito.....	24
3.2 As guerras por independência na Iugoslávia	32
3.3 A guerra da Eslovênia.....	34
3.4 A guerra da Croácia.....	35
3.5 A guerra da Bósnia.....	40
3.6 A guerra do Kosovo.....	43
4. SEÇÃO III- O FUTEBOL NO CONTEXTO DAS GUERRAS ÉTNICAS NO PASSADO E PRESENTE.....	45
4.1 Croácia x Sérvia.....	45
4.2 Os conflitos étnicos dentro de campo.....	52
4.3 Croácia x Sérvia: A Guerra Nunca Acabou.....	52
4.4 Sérvia x Albaneses do Kosovo.....	53
5. CONCLUSÃO.....	58
6. REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

No decorrer dos séculos se instalaram na região dos Bálcãs vários grupos étnicos diferentes que com o desenrolar da história iniciaram alguns enfrentamentos, tais etnias tinham origens distintas e divergências de cunho religioso, o que causavam uma certa inimizade entre elas. Com a evolução da sociedade e dos sistemas econômicos essas etnias começaram a se agrupar e formar reinos. (Alves, 2013)

A Iugoslávia é uma consequência desse agrupamento de etnias na região balcânica, desde o início do século XX com a criação do Reino dos sérvios, croatas e eslovenos, Reino que viria a ser a Iugoslávia, os grupos étnicos antes inimigos passaram a ser “irmãos”, membros de um mesmo país, tornando assim a Iugoslávia uma nação multiétnica. (Alves, 2013)

O nacionalismo exacerbado dos grupos étnicos dentro da Iugoslávia depois de décadas sendo reprimido por seu líder Josip Broz Tito, é posto para fora quando Tito morre em 1980. A partir disso, a dissolução da Iugoslávia se inicia, as repúblicas buscam suas independências tendo como bandeira os seus nacionalismos étnicos. (Alves, 2013)

O futebol entra no contexto da Iugoslávia como sendo o mecanismo onde os nacionalismos acharam representatividade, além de jogos entre clubes que representavam nacionalismos opostos, algumas torcidas organizadas criaram unidades paramilitares durante a guerra. Até hoje quando as seleções que formavam a Iugoslávia se enfrentam, as torcidas demonstram seus ódios através de cânticos e atos como queimar bandeiras do adversário. (Foer, 2005)

Esse trabalho tem por objetivo relatar fatos e acontecimentos da história da Iugoslávia que vieram a influenciar nos nacionalismos de cada república pertencente a Iugoslávia e o futebol do país durante o século XX e após as independências das nações que compunham a antiga Iugoslávia. Para atingir o objetivo vamos descrever como o nacionalismo de cada nação foi formado e de que forma os ódios umas pelas outras nasceu. Para conseguirmos entender as rivalidades nos campos de futebol, além de demonstrar que as rivalidades

oriundas das guerras também existem dentro dos campos de futebol descreveremos alguns acontecimentos marcantes em jogos, envolvendo as nações que compunham a Iugoslávia.

A metodologia utilizada foi baseada em uma análise bibliográfica feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meio de escritos e eletrônicos como livros, artigos científicos, sites e documentários, numa abordagem qualitativa.

Para este trabalho, foi levantada a hipótese que a Iugoslávia, principalmente no seu período de dissolução e no pós-independência das repúblicas que a constituíam sofreu interferências diretas e indiretas do futebol, por ele ter sido um dos agentes dos nacionalistas nos conflitos.

A realização deste trabalho justifica-se pelo fato do processo de dissolução da Iugoslávia ser um tema pouco explorado, mas muito importante para a História Contemporânea e para o futebol. Dessa maneira, esta pesquisa dará ênfase à análise das diferentes etnias e culturas que se confrontavam na Iugoslávia através do futebol e do hooliganismo como elementos decisivos no processo de dissolução do país.

Para a fundamentação teórica deste trabalho algumas fontes referentes ao assunto foram abordadas, dentre elas o autor José Augusto Lindgren Alves, com sua obra “Os novos Bálcãs”, livro que traz todo o contexto histórico da Iugoslávia, as guerras da década de 1990 e a dissolução e fim da Iugoslávia. O autor Franklin Foer com sua obra “Como o Futebol Explica o Mundo”, o livro traz um capítulo contando as minúcias de como o futebol foi um agente dos nacionalismos e até mesmo dos governos no período das guerras na década de 1990. Dois documentários também foram usados para fundamentação teórica, ambos produzidos pela BBC. O documentário “The Death of Yugoslavia” conta toda a história das guerras na década de 1990, além de como surgiram os nacionalismos de cada república, já o documentário “The Real Football Factories” conta, com detalhes, como a rivalidade entre croatas e sérvios é exercida dentro dos campos de futebol.

O trabalho está dividido em três seções, a primeira traz “Os ódios Ancestrais”, a segunda, “A Iugoslávia Socialista e as Guerras por Independência na Década de 1990” e a terceira “O Futebol no Contexto das Guerras Étnicas: Passado e Presente”.

A seção “Os Ódios Ancestrais”, trata das origens da Iugoslávia, da formação dos povos que habitavam nos Bálcãs, da invasão muçulmana na região, da disputa entre os sérvios e os albaneses e do início dos nacionalismos, além da formação das primeiras nações e como surgiram os ódios entre as etnias que formavam a Iugoslávia.

A seção “A Iugoslávia Socialista e as Guerras por Independência na Década de 1990”, trata do período a partir de 1945 com o fim da Segunda Guerra Mundial e com Josip Broz Tito na presidência do país. Nessa seção podemos compreender como funcionava o sistema político da Iugoslávia. A morte de Tito fez com que os nacionalismos de cada grupo étnico crescessem, o que causou o início da dissolução da Iugoslávia, levando o país a várias guerras, Guerra da Eslovênia (1991), Guerra da Croácia (1991-1995), Guerra da Bósnia (1992-1995) e Guerra do Kosovo (1998-1999), todas essas guerras por independência mudaram a geopolítica dos Bálcãs e deu fim a Iugoslávia.

A terceira seção “O Futebol no Contexto das Guerras Étnicas: Passado e Presente”, trata sobre como o futebol esteve envolvido no contexto do início das guerras por independência na Iugoslávia, e como o futebol foi um agente da guerra, os nacionalismos e os governos usaram o futebol como um dos personagens dos conflitos, antes, durante e depois das guerras, o futebol esteve intimamente ligado com a política da Iugoslávia. Hoje o futebol ainda é usado como um agente do nacionalismo de cada república e quando as seleções dos países que pertenceram a Iugoslávia se enfrentam, as torcidas guerreiam entoando cânticos nacionalistas e chegam até as vias de fato de enfrentamentos corpo a corpo, mostrando que as guerras na Iugoslávia deixaram uma chaga social difícil de ser curada.

SEÇÃO I – OS ÓDIOS ANCESTRAIS

A região da península balcânica ou simplesmente Balcãs fica localizada no leste Europeu, a oeste da Ucrânia, leste da Itália e ao sul de Alemanha e Polônia. Muitos países estão situados na península, como Romênia, Moldávia, Bulgária, uma pequena parte do norte da Turquia, Grécia, Sérvia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Montenegro, Macedônia do Norte, Eslovênia, Albânia e Kosovo que recentemente declarou sua independência frente a Sérvia. A região dos Balcãs possui histórias milenares que em certos momentos alteraram o curso e o desenrolar da história mundial. Muitas vezes quando se ouve a palavra Balcãs se lembra do conteúdo referente a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e o chamado barril de pólvora dos Balcãs que levou ao início da primeira grande guerra. Por ser um território com diversos países, muitas etnias, religiões e culturas criaram suas raízes por lá e a questão chave é a convivência dessas pessoas em um único local. Questões como de quem é o território? Onde termina o seu território e onde começa o meu? permeiam as relações de poder nos Balcãs desde o milênio passado. Analisando diversos fatos e acontecimentos, poderemos descobrir como as relações de poder se estabeleceram na região.

Há muito o que se estudar sobre os Balcãs, mais de um milênio de história influenciam até o presente. Neste trabalho a discussão irá focar mais na região da antiga Iugoslávia que teve sua dissolução por meio de guerras na década de 1990, motivadas por acontecimentos que a história explica, ou seja, questões étnicas e religiosas são personagens principais dos atritos entre os países da antiga república socialista. Analisaremos, com detalhes, a formação dos países que compunham a Iugoslávia e a fixação das etnias e religiões no território balcânico. Todo esse imbróglio étnico, político e religioso só pode ser explicado pelo passado, ou seja, a história explica como se deu a formação e a vida de menos de um século da antiga união dos eslavos do sul e o motivo de irmãos entrarem em campos de batalha uns contra os outros. Além do auxílio

da história, o esporte mais famoso do mundo nos ajuda também a entender os conflitos da década de 1990 na Iugoslávia, o futebol foi um dos agentes dentro e fora dos campos de batalha dos conflitos étnico-políticos, o esporte foi usado como uma máquina política e popular durante os conflitos.

Devemos iniciar a discussão buscando entender o que os Bálcãs simbolizam ou significam, pois existe uma certa confusão em se entender o tema. O autor José Augusto Lindgren Alves, em seu livro “Os Novos Bálcãs”, comenta a respeito do significado da região e o que ela realmente é:

“A larga península europeia separada da Ásia pelo estreito do Bósforo, que foi denominada pelo Império Otomano? Uma região marginal, primitiva e culturalmente afastada dos grandes centros da civilização que marcou todo o mundo? Um território ao sul do Danúbio habitado por povos bárbaros que se odeiam e vivem juntos em função da geografia? A quase dezena de novos países independentes, alguns minúsculos, localizados nessa área? Os atuais “Estados nacionais” oriundos da antiga República Federativa Socialista da Iugoslávia? De certa maneira, os Bálcãs são tudo isso e não são” (ALVES, 2013, p.9, 10)

Portanto, usando como base a citação feita por Alves, podemos observar que os Bálcãs possuem vários significados. Iremos observar no decorrer da discussão do tema que sim, os Bálcãs foram uma região dominada pelos muçulmanos do Império Otomano, essa dominação é mãe de discussões territoriais até hoje; sim, os Bálcãs são povos que se odeiam e vivem juntos por uma questão de geopolítica e esses ódios não são recentes, foram cultivados por séculos e seu ápice foi durante as guerras da década de 1990. A definição mais conhecida para os Bálcãs é a que são os atuais “Estados nacionais” oriundos da antiga República Federativa Socialista da Iugoslávia. Essa grande ambiguidade de sentidos para a Iugoslávia acaba gerando uma certa desinformação em relação a região e aos povos que vivem lá.

1.1 Sérvia x Albaneses do Kosovo

A evolução territorial da Iugoslávia teve início na invasão muçulmana sob a Europa ainda no fim do primeiro milênio. Vindos do Oriente médio, os muçulmanos dominaram todo o território onde hoje é a Turquia e ao passar dos séculos levaram suas conquistas territoriais aos Bálcãs não apenas

conquistando as terras, mas também espalhando sua cultura e religião para os reinos que residiam nas regiões dominadas por eles. Podemos ver até os dias atuais o quanto essa invasão muçulmana foi marcante para a história da Europa, pois ainda há grande número de muçulmanos em países, como por exemplo, Espanha e Portugal, que também foram invadidos pelos árabes durante a Idade Média. No caso dos Bálcãs, o povo muçulmano que levou o Islã para suas terras foi o povo turco otomano. Essa expansão otomana sobre terras eslavas, deixou consequências até os dias atuais. Segundo Alves, os ódios ancestrais que os povos balcânicos sentem uns pelos outros, em parte, começaram com a chegada dos muçulmanos a região. Alves, (2013, p.23, 24)

Na península balcânica já existiam alguns grupos étnicos e reinos que se situavam na localidade, povos como os sérvios e outros povos eslavos. A expansão muçulmana fez com que eslavos e otomanos guerreassem pelas terras. Algumas dessas batalhas, são lembradas até hoje como parte do nascimento de nacionalismos, como o nacionalismo sérvio, por exemplo. Alves comenta sobre o episódio considerado pelos sérvios como o nascimento do nacionalismo de seu povo, além de que, esse fato também marca a origem dos ódios entre sérvios e muçulmanos.

“No desenvolvimento histórico dos Bálcãs, os sérvios sempre tiveram papel destacado, de aspectos curiosamente comparáveis aos da Europa Ocidental. Tal como a Europa forjou sua civilização cristã em oposição ao islã árabe nas cruzadas, a Sérvia se afirmou, desde o século XV, como etnia ortodoxa, em oposição ao islã otomano. Tanto a Europa Centro-Occidental como a Sérvia são culturalmente decorrentes de derrotas militares: uma, multiplicada por séculos, em território alheio, na Palestina e adjacências do Oriente Médio, para os árabes; a outra, única, porém simbólica, em território próprio, da Velha Sérvia, o Kosovo, na batalha do Campo de Melros, em 28 de junho de 1389. (ALVES, 2013, p.26)

O reino da Sérvia era um reino independente desde a Idade Média, seus territórios se expandiam pela península balcânica até a região onde hoje é o atual Kosovo. Portanto, os sérvios enxergam o Kosovo como sendo um território historicamente seu, o chamam até mesmo de “Velha Sérvia” como cita Alves, pois pertenceu aos seus domínios e para os sérvios, o surgimento de seu nacionalismo e seu país se deu no atual Kosovo. Essa é uma das

reclamações dos sérvios para embasar o “direito” pelas terras e, questões como essa, permeiam não só discussões nos Bálcãs mas também em diversos países do mundo. (Alves, 2013, p. 26)

Essa batalha é o início dos ódios entre albaneses e sérvios, pois a Albânia foi dominada pelos otomanos que colocaram naquele povo, sua cultura e religião, que no caso é o Islamismo. A maioria dos albaneses é muçulmana e, por ocasião dos muçulmanos conquistarem a região do Kosovo, os kosovares tem por religião o Islamismo assim como os albaneses e por isso, muitos albaneses se deslocaram para a região do Kosovo e criaram raízes lá. (Alves, 2013, p. 39). Essa, é a explicação histórica do porquê no Kosovo, na segunda metade do século XX, a maioria esmagadora da população era de etnia albanesa e de religião muçulmana.

“É do poema épico que canta a derrota, profetizada e escolhida como missão, do Príncipe Lazar, dos sérvios, para as tropas do Sultão Murad, dos otomanos, em Kosovo Pole, que emergem as lendas e mitos patrióticos a atribuírem aos sérvios, como etnia, todo o sacrifício em defesa da fé ortodoxa. Assim como, evidentemente, aquilo que seria a contrapartida desse sacrifício: o direito a todas as terras por eles ocupadas.” (ALVES, 2013, p.26, 27)

Nesse trecho do livro “Os Novos Bálcãs”, Alves explica sobre a questão de como os sérvios se sentem em relação ao território do Kosovo. Portanto, o início dos ódios entre albaneses e sérvios teve origem na batalha entre muçulmanos e ortodoxos, otomanos e sérvios em 1389. Veremos outras vezes, no curso da história balcânica, ambas etnias entrando no campo de batalha em lados opostos.

Como já dito, um dos personagens principais durante as guerras de dissolução da Iugoslávia na década de 1990, foram os nacionalismos dos povos que formavam a antiga república socialista. Além de que, algumas dessas nações são inimigas históricas, como o caso de Sérvia e os albaneses do Kosovo que acabamos de ver. Essa inimizade é embasada em um conflito do século XIV, envolvendo muçulmanos otomanos que povoaram a Albânia e ortodoxos sérvios que construíram seu nacionalismo sob a bandeira de lutar contra a expansão muçulmana. Com a derrota sérvia, o território onde hoje é o

Kosovo foi tomado pelos albaneses muçulmanos e isso explica a maioria albanesa dentro do Kosovo durante a década de 1990 e até a atualidade e, essa inimizade histórica, é o motivo da guerra entre Sérvia e Kosovo em 1998 e 1999 onde o Kosovo buscava sua independência. Portanto, questões étnicas, nacionalistas e religiosas, estão dentro do contexto das discussões e das guerras entre a Sérvia e o Kosovo.

1.2 Evolução Geopolítica dos Bálcãs

Segundo Alves (2013, p.9,10) é possível afirmar, tomando por base todo o contexto dos Bálcãs, que a Iugoslávia era extremamente confusa e complicada, pois como já foi abordado, muitos países que a formavam eram inimigos históricos, uns por questão étnica e religiosa como a rivalidade entre Sérvios e albaneses do Kosovo, os quais eram de etnias diferentes e religiões inimigas, mas também existiam rivalidades que vigoram até os dias atuais por motivo de poder. Esse é o caso da rivalidade entre Croácia e Sérvia, ambos são eslavos, porém, cada um tem seus nacionalismos próprios e seus próprios mitos nacionais e o que levou ao enfrentamento dessas duas nações, foi a busca pelo poder e pela influência. A Sérvia e a Croácia eram as maiores repúblicas da Iugoslávia em população, tamanho e economia e a rivalidade desses países é mais recente do que a de sérvios e albaneses. Portanto, buscando maior poder e influência dentro dos povos eslavos, os croatas e sérvios criaram uma inimizade mortal que teve seus primeiros capítulos na primeira metade do século XX.

A Iugoslávia teve vários períodos e, como foi dito, existe uma confusão quando se busca entender o que foi a Iugoslávia no desenrolar da história. Os países que formaram a Iugoslávia socialista da segunda metade do século XX já foram dominados por impérios e tiveram alguns períodos independentes, até formarem uma união dos eslavos. Antes do século XIV, a maioria das nações que hoje são países independentes como Sérvia e Croácia, por exemplo, eram reinos ou ducados formados por pessoas de mesma etnia. O território croata passou pelas mãos de alguns outros povos, assim como os sérvios e praticamente toda região dos Bálcãs. Os Otomanos dominaram a região por

um longo período até que o império Austro-húngaro tomou posse dos territórios da atual Croácia e a Sérvia se tornou independente. (Alves, 2013, p. 17, 36)

De acordo com registros históricos, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) teve seu início por causa da morte do arquiduque e herdeiro do trono Austro-húngaro Francisco Ferdinando (1863-1914) e o motivo envolve o nacionalismo sérvio que futuramente interferiria na inimizade entre croatas e sérvios. Os Austro-húngaros anexaram o território da Bósnia-Herzegovina às suas posses em 1908, mas esse território continha grande número de sérvios, logo, os sérvios queriam que a Bósnia fosse sua. Com isso, o sentimento nacionalista começou a crescer dentro da Sérvia, nacionalistas sérvios que presavam pela defesa dos sérvios na Bósnia, assassinaram o arquiduque em junho de 1914 quando ele fazia uma visita a Sarajevo, capital da Bósnia. O motivo do assassinato deriva de Francisco Ferdinando ser representante do império Austro-húngaro que, a partir da anexação do território bósnio, havia passado a ser inimigo dos sérvios. À partir disso, teve início a primeira guerra mundial, porém, o que mais marca a rivalidade entre croatas e sérvios dentro de todo esse contexto da primeira guerra, é a questão da Bósnia, pois futuramente ambos iriam entrar em confrontos por causa do território bósnio e em defesa de croatas e sérvios que vivem na Bósnia. A defesa dos sérvios aos seus irmãos dentro da Bósnia, fomentou o sentimento nacionalista em seu povo, além de que, cresceu a ideia que a Bósnia deveria ser da Sérvia ou ao menos, os sérvios da Bósnia deveriam ter parte do território apenas para eles. (Alves, 2013, p.28, 29)

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) o Império Austro-húngaro conheceu seu fim. Com caminho livre os países eslavos fizeram uma união que foi batizada com o nome de “O Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos” encabeçada pelos sérvios e sua família real dos Karadjordjevic;

“Após a Primeira Guerra Mundial, com o fim do império Austro-Húngaro, que abrangia a Croácia e a Eslovênia e, desde a saída forçada dos otomanos em 1878, governava também a Bósnia, anexada formalmente por Viena em 1908. O Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos foi proclamado em 1918 pelo Príncipe Aleksandar da Sérvia. O território sérvio já incluía a Macedônia, a Vojvodina e o Kosovo, a ele aderindo,

em seguida, o Montenegro. A constituição desse Estado nominalmente tríplice, adotada em 1921, criou uma monarquia unitária em torno da dinastia sérvia Karadjordjevic, que logo gerou resistências nacionalistas e instabilidade, envolvendo assassinatos de líderes partidários.” (ALVES, 2013, p.17)

A partir dessa citação de Alves, entende-se como se deu o fim do Império Austro-Húngaro e o início de uma futura Iugoslávia, ainda com o nome de O Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos.

É fácil também criar uma relação com o que já foi falado sobre a confusão que é a região dos Bálcãs. Esse imbróglio de inimizades históricas tem um capítulo nessa transformação regional que faz com que a família real da Sérvia lidere todas as outras repúblicas do recém-nascido reino e logo nascem alguns nacionalismos que vão contra esse poder. Portanto, assim como no século XIV na batalha do rei Lazar contra os muçulmanos, os países que formaria a futura República Socialista da Iugoslávia viviam em uma grande instabilidade política.

“Em reação a essas crises, em 1929 o já Rei Aleksandar I aboliu a constituição e o parlamento, estabeleceu uma “ditadura real”, alterou o nome do país para Reino da Iugoslávia e reorganizou as divisões territoriais. Aleksandar I foi assassinado em Marselha, em 1934, por opositores treinados na Itália fascistas. Mas o Reino da Iugoslávia continuou a existir sob a monarquia dos Karadjordjevic até os anos 1940. Então, durante a Segunda Guerra, as mudanças foram brutais”. (ALVES, 2013, p.17)

Alves cita que as mudanças que Aleksandar Karadjordjevic fez, não foram muito bem recebidas pela população de seu reino, suas atitudes acabaram alimentando nacionalismos dentro das nações da união entre sérvios, croatas e eslovenos que eram por ele governados e isso levou a sua morte em 1934. Os últimos anos da dinastia Karadjordjevic no poder do Reino da Iugoslávia, foram extremamente turbulentos e nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a dinastia chegou ao seu fim. Essas mudanças brutais que Alves comenta, acontecem envolvendo principalmente os croatas e os sérvios e tem tudo a ver com a questão da Bósnia e o sentimento da Sérvia em relação aos sérvios da Bósnia.

“É evidente que todas essas criações e modificações nos Bálcãs ocorreram em meio a disputas, invasões, resistências, guerras enfim, como tem sido a regra na História da Humanidade (...) O que vislumbro de específico na Península é uma grande concentração de “diferenças culturais” acentuadas como “etnias”, com base em língua e religião, dificultando a formação de “comunidades homogêneas”. Talvez seja essa adjacência intensa de identidades parecidas, separadas e sem misturas num espaço geográfico limitado, que propicie a impressão de que os povos balcânicos têm mais “ódios ancestrais”, constituindo o “barril de pólvora” da Europa – designações usadas desde o início do século XX, muito empregadas por observadores dos conflitos nas terras da até então Iugoslávia na década de 1990” (ALVES, 2013, p.17,18)

Alves exemplifica muito bem quando cita as diferenças culturais acentuadas como etnias, os sentimentos nacionalistas dentro de cada um dos países que compunham a antiga Iugoslávia. A rivalidade entre as etnias e a proximidade geográfica criou a famosa expressão “barril de pólvora” e essas rivalidades duraram todo o século XX, além de que, foram se acentuando com o tempo até chegarem ao ápice na década de 1990.

1.3 Os Ustashes: Croácia x Sérvia

Alves cita mudanças radicais dentro da Iugoslávia no início da década de 1940, na página 17 do seu livro “Os Novos Bálcãs”, “Mas o Reino da Iugoslávia continuou a existir sob a monarquia dos Karadjordjevic até os anos 1940. Então, durante a Segunda Guerra, as mudanças foram brutais”. Essas mudanças aconteceram na investida do Eixo por toda a Europa, alemães nazistas e italianos fascistas dominaram toda a península balcânica.

“Já cercados de Estados aliados do Eixo (Hungria, Romênia e Bulgária) e com a vizinha Albânia ocupada pela Itália o Reino da Iugoslávia foi invadido, sem prévia declaração de guerra, por tropas alemãs, húngaras e búlgaras, em 6 de abril de 1941, sendo forçada a capitular doze dias depois. Inteiramente tomado, o país teve as regiões administrativamente distribuídas entre os ocupantes. Os alemães encarregaram-se diretamente da Sérvia, ficando o status de Montenegro, Croácia e Bósnia para ser decidido entre a Alemanha e a Itália. Antes que isso ocorresse, porém, a liderança dos nazistas croatas, chamados “ustashe” (...) proclamou, em Zagreb, com apoio da Alemanha, um Estado Independente da Croácia, nele incluída a Bósnia”. (ALVES, 2013, p.19)

Portanto, mudanças brutais aconteceram no início dos anos 1940 nos Bálcãs, a invasão do Eixo e o fim do Reino da Iugoslávia abriu caminho para um grupo de nazistas croatas chamados de ustashes tomarem o poder na Croácia e serem protagonistas na região, além de que, os sérvios estavam fora do jogo e juntos com os croatas, eram as maiores etnias da região, ou seja, os ustashes iriam mudar a balança de poder dentro da Iugoslávia e pender para o lado croata.(Alves, 2013, p. 19)

Com o domínio nazista na região, apenas os croatas comandados pelos ustashes e tendo um “Estado fantoche”, teriam o domínio das regiões que cabiam a Alemanha de Hitler e isso levou ao controle da Bósnia-Herzegovina por parte dos Croatas. Nesse ponto se inicia a inimizade maior entre sérvios e croatas, pois para os sérvios os croatas estavam tomando posse de um território “seu” por existirem sérvios na Bósnia. Porém, também existiam croatas na Bósnia, ou seja, o mesmo argumento era usado para ambos os lados. O agravante para o ódio sérvio para com os croatas, era que parte do nacionalismo sérvio estruturado durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), foi construído na Bósnia, pois os nacionalistas sérvios foram responsáveis por matarem Francisco Ferdinando em prol dos sérvios da Bósnia, o estopim da Primeira Guerra. Portanto, a Bósnia era um território disputado por sérvios e croatas.

“Tudo foi feito para absorver a milenar Bósnia e Herzegovina como parte da Croácia. Com essa finalidade, já em 30 de abril de 1941, o Estado ustasha promulgou um decreto declarando “os membros da fé islâmica integrantes da “raça ariana”. E Ante Pavelic, seu arremendo de Fueher, fabricou uma frase de propaganda, chamando os muçulmanos da Bósnia de “flores croatas”. (ALVES, 2013, p.19 e 20)

A Croácia conseguiu por meio dos ustashes o que queria, tomar posse da Bósnia e expandir seu território. Para Alves, 2013), a Bósnia é um caso curioso, pois existem três etnias predominantes, os bósnios-croatas, os bósnios-sérvios e os bósnios-muçulmanos chamados de bosniacs. O que Ante Pavelic fez foi segregar a população por raças, assim como fez Hitler, Pavelic

tornou os bosniacs “arianos” e iniciou um genocídio contra os sérvios, elegeu os sérvios como “impuros” e iniciaram uma perseguição aos bósnios-sérvios sem ninguém para impedir.

O assassinato de bósnios-sérvios promovido pelos ustashas liderados por Ante Pavelic, deixa marcas até hoje na relação entre a Croácia e a Sérvia. Durante as guerras da década de 1990, muitos acontecimentos foram derivados de vinganças por parte dos sérvios contra os croatas.

“Embora a palavra “genocídio” e a acepção moderna de Holocausto tenham sido concebidas com referência ao extermínio de judeus pela Alemanha nazista, não há como negar que ambas se aplicam também à atuação dos ustashe. Seu alvo principal não eram os judeus (que eles também perseguiam e executavam de acordo com as instruções de Hitler), mas, os sérvios, de cuja etnia queriam “limpar” seu Estado.” (ALVES, 2013, p.20)

Alves comenta sobre o objetivo dos ustashes no recém criado Estado nazista croata, uma limpeza étnica era o principal alvo dos ustashes, quase que uma purificação do território, limpando de seu território seus “inimigos” e enfraquecendo a Sérvia que era uma potência regional além de manter os muçulmanos como puros que, também são, por questões históricas e religiosas, inimigos da Sérvia, ou seja, a limpeza étnica da Bósnia visando a morte dos bósnios-sérvios, deixava o território apenas com grupos inimigos da Sérvia. A brutalidade com que os ustashes agiram impressiona, podendo ser comparados facilmente com os nazistas alemães quando atuaram no genocídio contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

“De um total de 26 campos de concentração e extermínio na Croácia, apenas no de Janosevac, que funcionou de agosto de 1941 a abril de 1945, estima-se que o número de sérvios assassinados, por métodos mais primitivos do que câmaras de gás – entre os quais facas, serras, machados, martelos e a denominada Srbosjek (“cortadora de sérvios”), pequena foice com punho embutido em luvas de couro, cintada no pulso e deixando os dedos de fora, com a lâmina, usada como punhal, voltada para baixo – tenha alcançado entre 300.000 e 350.000. Há cálculos que estimam o número de sérvios trucidados em até 800.000.” (ALVES, 2013, p.20)

Nesse trecho do livro “Os Novos Bálcãs”, Alves comenta sobre a brutalidade como agia os ustashes contra seus alvos, principalmente os sérvios. Até mesmo uma das armas usadas pelos nazistas croatas tinha o nome de “cortadora de sérvios”. O número de pessoas mortas por questões étnicas, varia entre 300 mil e 800 mil, um número absurdo, mas o que mais espanta são as formas usadas para matar, totalmente brutal.

“Independente do montante real, nunca estabelecido, o memorial croata de Jasenovac distribui o número de mortos nesse campo, ilustrativos das proporções, da seguinte maneira: sérvios, em primeiro lugar, entre 45.000 e 52.000; ciganos (roma e sinti), entre 15.000 e 20.000; judeus em terceiro lugar (provavelmente porque menos numerosos na área), entre 12.000 e 20.000; croatas e “muçulmanos” resistentes, entre 5.000 e 12.000. Sem contar apenas os massacres perpetrados pelos alemães na Sérvia, como o de Kragujevac, onde toda a população masculina entre 16 e 60 anos foi exterminada (2778 adultos e adolescentes, conforme ordem militar que definia as proporções de 100 ou 50 sérvios para cada soldados alemão morto ou ferido nas redondezas), o de crianças e mulheres ortodoxas arrojadas de precipícios na Bósnia e uma infinidade de outros episódios sinistros, não há como negar a afirmação dos sérvios de que eles, com os judeus, nos Bálcãs, “compartilham uma história comum de sofrimento na Segunda Guerra Mundial.” (ALVES, 2013, p.20, 21)

Além de sérvios, outros grupos étnicos também sofreram nas mãos dos croatas nazistas e esse genocídio sérvio durante a segunda guerra mundial, pode ser comparado com o holocausto dos judeus por compartilharem uma história comum de sofrimento na Segunda Guerra Mundial.

As guerras em prol de independência na Iugoslávia da década de 1990, foram motivadas por questões e motivos históricos que se iniciaram desde o século XIV e se desenrolaram no decorrer dos séculos se intensificando nos períodos da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, dando um enfoque no revanchismo por parte dos nacionalistas sérvios que é mostrado nas guerras da década de 1990, além de que, a forma com que os ustashes agiram no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi brutal, promovendo um verdadeiro holocausto sérvio. O documentário produzido pela BBC de 1995 “The death of Yugoslavia” cita uma curiosidade trágica que aconteceu no período ustasha na Croácia, foi que os nazistas croatas adotaram, como

símbolo, uma bandeira quadriculada em branco e vermelho, que pode ser vista até hoje na bandeira croata. Esse símbolo foi adotado novamente em 1991, quando a Croácia se tornou independente e, quem o quis adotar novamente como símbolo, foi o presidente do país Franjo Tudjman. Portanto, questões religiosas, étnicas, nacionalistas e políticas permeiam as relações de poder nos Bálcãs. Acontecimentos do passado refletem no futuro de cada uma das nações da região, guerras e perseguições foram travadas por povos que em certo momento foram irmãos e esses enfrentamentos criaram ódios que foram cultivados por séculos e que até os dias de hoje existem.

Após a Segunda Guerra Mundial, sobe ao poder unificando novamente as repúblicas que faziam parte do antigo Reino dos Sérvios Croatas e Eslovenos, um homem chamado Josip Broz Tito, que tinha uma visão pan-eslavista e visava uma união dos eslavos do sul. Criava-se portanto, um novo barril de pólvora dos Bálcãs, unindo novamente povos que já eram inimigos e que agora se odiavam ainda mais por fatos que aconteceram durante a Segunda Guerra e, esse novo barril, teria seu estopim durante a década de 1990. (Alves, 2013, p. 57)

SEÇÃO II – A IUGOSLÁVIA SOCIALISTA E AS GUERRAS POR INDEPENDÊNCIA NA DÉCADA DE 1990

A Iugoslávia teve vários períodos durante a história, e o período socialista representa o início de seu fim, pois o socialismo foi o último sistema político vigente no país.

Vários acontecimentos já citados sobre questões étnicas, nacionalismos e guerras entre as nações que formavam a Iugoslávia no passado, são contexto para as guerras da década de 1990. Como vimos, no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) o então Reino da Iugoslávia foi dominado pelos países do eixo e apenas a Croácia comandada pelos fascistas Ustashes, eram independentes, os outros países eram subjugados pelos aliados de Hitler. Alves, (2013, p.19)

Com a derrota do Eixo no fim da Segunda Guerra, abria-se caminho para um novo governo e, dentro dos países que formariam a Iugoslávia, um líder se destacou, seu nome era Josip Broz Tito. Tito comandou as tropas iugoslavas para libertar as nações eslavas do jugo da ocupação nazista da região.

“A Iugoslávia socialista de Tito, montada em período de pleno stalinismo, teve a peculiaridade de ser o único país balcânico a libertar-se da ocupação nazista pela ação de movimento autóctone.” (ALVES, 2013, p.57)

Esse movimento autóctone foi dirigido por Tito e, para levar a nação a liberdade, Tito manteve um viés comunista. Dessa forma, com o fim da Segunda Guerra (1945) e a bipolaridade mundial, era quase certo pensar que a Iugoslávia seria apenas mais um país satélite da URSS

“O novo governo da Iugoslávia copiou o modelo socialista soviético, único até então existente, de estatização da economia e coletivização da agricultura” (ALVES, 2013, p.59)

Mesmo seguindo o modelo socialista soviético, Tito não deixou que a Iugoslávia fosse um Estado satélite da URSS como menciona Alves:

“A causa fundamental do rompimento com Stalin e com os demais países satélites foi “patriótica” e gradativamente acumulada. Ideológica e sentimentalmente assemelhava-se a um nacionalismo socialista iugoslavo” (ALVES, 2013, p.60)

A Iugoslávia era uma nação multiétnica e Tito quando difundiu o socialismo nas repúblicas eslavas, difundiu também esse tal nacionalismo socialista iugoslavo do qual Alves fala. O documentário da BBC “The death of Yugoslavia” explica que os ódios entre as etnias, dentro da Iugoslávia, se acirraram após a Segunda Guerra Mundial e que Tito era a figura apaziguadora desses ódios e nacionalismos. Cita também, que houve a criação de um nacionalismo iugoslavo também mencionado no livro de Alves. Esse nacionalismo serviria para substituir os nacionalismos de cada república.

“Em novembro de 1945, a Assembleia Constitucional em Belgrado aboliu a monarquia e proclamou a República Federativa Popular da Iugoslávia, composta pelas seis repúblicas socialistas, da Bósnia e Herzegovina, Croácia, Eslovênia, Macedônia, Montenegro e Sérvia, esta última abarcando duas províncias autônomas, do Kosovo, com maioria já albanesa, e da Vojvodina, com minoria numerosa húngara. As línguas oficiais eram o serbo-croata (o sérvio com alfabeto cirílico e o croata com alfabeto latino), o esloveno e o macedônio, aceitando-se o albanês e o húngaro como idiomas de uso e ensino nas respectivas populações. (ALVES, 2013, p.59)

Alves exemplifica como que se dividia a Iugoslávia de Tito. Cada etnia tinha seu território e nos casos dos albaneses do Kosovo e húngaros da Vojvodina, eles tinham autonomia sobre suas regiões, a multiétnicidade dos Balcãs estavam novamente em uma só nação.

2.1 Os Nacionalismos no Governo de Tito

O documentário “The death of Yugoslavia”, diz que Tito comandou a Iugoslávia com “mão de ferro”. Ele não deixava com que os nacionalismos de cada etnia crescessem e sempre que havia alguma manifestação, o governo central da Iugoslávia agia contra, pois, para Tito, importava o nacionalismo iugoslavo. Alves comenta em seu livro “Os Novos Balcãs” o seguinte: “Na Iugoslávia de Tito, o lema fundamental contra o nacionalismo divisor sempre foi

Irmandade e União” (2013, p.79), ou seja, o “patriotismo iugoslavo” era maior do que qualquer patriotismo das etnias.

Em 1967, houve a primeira “onda” de nacionalismo étnico dentro do regime socialista da Iugoslávia. Essa “onda”, era croata.

“Depois de vinte anos sem contestação notável, a “nação iugoslava”, que vinha sendo construída desde a Segunda Guerra Mundial, enfrentou a primeira disputa de cunho separatista entre croatas e sérvios em função de algo que para qualquer estrangeiro pareceria – e era, de fato – uma tolice. Mais de 170 intelectuais da Croácia assinaram uma “Declaração Sobre o Nome e a Posição da Língua Literária Croata”, exigindo o ensino do croata como língua separada do sérvio. Rejeitavam, assim, um velho acordo, de 1954, pelo qual a língua comum se chamava serbo-croata, ou croata-sérvio, com predominância do alfabeto cirílico ou do latino, conforme a etnia de quem a utilizasse”. (ALVES, 2013, p.68)

A partir do término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os ódios e a rivalidade entre sérvios e croatas aumentaram muito. O motivo principal já foi abordado nesse trabalho, os fascistas Ustashes que comandavam a Croácia aliada ao eixo, promoveu um genocídio dos sérvios. Portanto, com os ânimos acirrados, croatas e sérvios “trocavam farpas” e isso só fomentava mais a animosidade de uma etnia para com a outra. Alves (2013 p.69) chama esse acontecimento de 1967, entre sérvios e croatas, de “questão etnolinguística”. O autor cita, que essas questões ocorreram algumas vezes nos tempos de Tito, mas com outras etnias e línguas, com os albaneses do Kosovo e macedônios.

Outros nacionalismos cresceram durante os anos de governo de Tito, mas ele conseguia apaziguar as situações fazendo concessões para agradar o lado que reivindicava direitos.

“Os muçulmanos, assim como os albaneses, exigiam crescentemente o reconhecimento de suas comunidades étnicas como “nações”. Em 1963, a nova constituição da Iugoslávia fala da Bósnia e Herzegovina como uma república habitada por “sérvios, muçulmanos e croatas aliados no passado por uma vida comum.” Em 1968, a Liga dos Comunistas da Bósnia reconheceu os muçulmanos como uma “nação constituinte da Iugoslávia” – não apenas uma minoria ou grupo e, aparentemente, incluindo os muçulmanos fora da Bósnia, especialmente do Sandzak, que abrange terras da Sérvia e do Montenegro. Esse reconhecimento foi

endossado um ano depois pela Liga dos Comunistas da Iugoslávia. (ALVES, 2013, p.70)

Além dos croatas e dos muçulmanos da Bósnia, um outro grupo que reivindicava direitos no decorrer do governo de Tito, eram os albaneses do Kosovo. Assim, como já foi aqui abordado, os sérvios e os albaneses do Kosovo têm uma rivalidade histórica e conflitos étnicos marcam a relação entre ambos os grupos.

“Evolução parecida tiveram os albaneses do Kosovo, discriminados em empregos, cargos, serviços e língua de administração e de estudos apesar de serem maioria, de números sempre crescentes, ultrapassando de longe os sérvios. Depois de motins havidos em 1966 e repetidos em 1968, os albaneses obtiveram várias concessões, que lhes conferiram um status quase igual ao das seis repúblicas federadas: passaram a usar bandeira e hino próprios, a língua albanesa tornou-se mais aceita na administração e o ensino em albanês ficou muito mais difundido”. (ALVES, 2013, p.71)

Alves comenta sobre as questões étnicas e nacionalistas que surgiram durante o governo de Tito entre os croatas, os muçulmanos da Bósnia e os albaneses do Kosovo. No documentário “The death of Yugoslavia” podemos ver que esses três grupos étnicos, estavam diretamente envolvidos nos conflitos da década de 1990. Os croatas envolvidos com a Guerra da Croácia (1991-1995) e o nacionalismo que levou a independência do país em 1991; os muçulmanos da Bósnia que sofreram um genocídio por parte dos sérvios durante a Guerra da Bósnia (1992-1995) e os albaneses do Kosovo que estão envolvidos com a retirada da autonomia da província no fim da década de 1990 e também envolvidos na Guerra do Kosovo (1998-1999). Todos esses grupos e os conflitos em que eles se envolveram, tinham os sérvios no lado oposto. (The death of Yugoslavia, 1996)

Em algum momento Tito haveria de morrer e deixaria a nação iugoslava sem seu líder que conseguia unificar as repúblicas e apaziguar as discussões entre as diferentes etnias da Iugoslávia.

“É possível que a Federação Iugoslava não tenha sido finalizada com êxito porque, como afirmam muitos analistas, Tito não preparou adequadamente sua sucessão (...) Na

medida em que não havia qualquer vulto carismático que pudesse ser seu herdeiro, é difícil dizer se ele e seus fiéis seguidores podiam formular algo melhor do que o complicado sistema presidencial de nove membros, um para cada uma das repúblicas e das duas províncias autônomas, mais o Presidente do Comitê Central da Liga dos Comunistas da Iugoslávia, com rodízio de Chefes de Estado, estabelecido na constituição de 1974” (ALVES, 2013, p.80)

Alves mostra como iria funcionar a complexa Iugoslávia após a morte de Tito. Segundo a constituição de 1974, após a morte de seu presidente vitalício, a Iugoslávia seria comandada por um grupo de Chefes de Estado que representavam cada uma das repúblicas e as duas províncias autônomas, além do presidente desse grupo. Os citados Chefes de Estado, formariam então o Comitê Central da Liga dos Comunistas da Iugoslávia. No documentário “The death of Yugoslavia” é possível entender melhor como funcionava, onde existiam os presidentes de cada país que, na verdade, eram os presidentes dos partidos comunistas das respectivas repúblicas. Além desse presidente de cada país, existiam os chefes de estado que representavam sua república de origem na chamada Liga dos Comunistas da Iugoslávia. Após a morte de Tito, o governo se tornou rotativo e a cada ano um dos chefes presidia a Liga, ou seja, era o presidente da Iugoslávia.

“Em meio a uma série de crises, que não lhe eram exclusivas, a Iugoslávia ainda sobreviveu uma década. Quando desmoronou o sistema e a federação explodiu, não se tratava apenas de um país balcânico que se dividia em função de “ódios ancestrais” ou “fantasmas” do passado (...) Para a Iugoslávia pós-Tito as previsões sempre foram sombrias. Com os conflitos do passado em mente, era fácil imaginar um novo surto de violência étnica”. (ALVES, 2013, p. 80 e 81)

Nesse trecho, Alves explica que mesmo com a criação da Liga, a Iugoslávia se manteve unida por apenas dez anos e sucumbiu e, dessa forma, o início da dissolução do país começou. Quando ele cita que com os conflitos do passado em mente, era fácil imaginar que todos os “ódios ancestrais” entre kosovares, croatas e muçulmanos contra os sérvios e vice-versa voltaram. Os grupos nacionalistas voltaram a crescer e era questão de tempo para um novo surto de violência étnica e de novos genocídios.

“Sempre houve, na área, certamente, muitos ovos de serpente incubados. O cimento idealizado de um socialismo iugoslavo nunca os suplantou totalmente (...) Tais ovos vinham germinando, com motivações domésticas renovadas e com incentivos de fora. De certa forma, todos eram interessados num conflito ofídico que levaria à explosão do conjunto. Não esperavam, talvez, nem desejavam, creio, que a explosão ocorresse de maneira tão brutal. O serpentário se soltaria aos poucos, depois da morte de Tito”. (ALVES, 2013, p.81)

Essa analogia de Alves resume bem o que viria a acontecer no fim da década de 1980 e início dos anos 1990. O serpentário se soltaria aos poucos e os conflitos começariam levando à explosão do conjunto, de maneira brutal.

As crises étnicas após a morte de Tito

O famigerado “barril de pólvora” dos Balcãs estava se formando mais uma vez. Várias crises étnicas ocorreram durante o governo de Tito e foram contidas por seu líder, mas agora Tito havia falecido e o sistema de rotatividade da Liga dos Comunistas da Iugoslávia seria implantado.

“Quando Tito faleceu, em 4 de maio de 1980, após longo período hospitalizado em Liubliana, aos 87 anos, o mundo sabia que havia perdido um grande líder, não foi por acaso que 122 Chefes de Estados e de Governo compareceram a seu funeral” (ALVES, 2013, p. 83)

A morte de Tito abriu caminho para os nacionalismos de cada etnia ganharem terreno. Esse fato tinha muita relação com a autoconsciência de cada cidadão em relação a sua nacionalidade. Mesmo com a Iugoslávia, a pessoa podia escolher sua nacionalidade, por exemplo, se a pessoa nasceu na Sérvia, ela pode escolher ser sérvio ou iugoslavo e mesmo com a Iugoslávia, a maior parte das pessoas preferiam a nacionalidade de seu grupo étnico.

“Embora o número de cidadãos autoconscientes de sua “nacionalidade iugoslava” estivesse efetivamente crescendo, mais de 94% dos 22.424.711 habitantes da Federação ainda se classificavam pela “nacionalidade étnica” sérvia, croata, muçulmana, eslovena, macedônia, montenegrina, albanesa, húngara, romani, etc”. (ALVES, 2013, p.85)

Alves mostra a quantidade numérica de pessoas que se declaravam por suas nacionalidades étnicas, 94% dos habitantes da Iugoslávia intitulavam sua

nacionalidade baseada na etnia de origem e essa questão fomentava os grupos nacionalistas. Dessa forma, a maioria esmagadora não se dizia iugoslavo.

“Quatro focos principais de nacionalismos, que já vinham dando problema na década anterior, agravaram-se depois da morte de Tito: o dos albaneses no Kosovo, o dos croatas com os sérvios e vice-versa, o dos muçulmanos da Bósnia. O nacionalismo húngaro na Vojvodina, por outro lado, aos poucos arrefeceu por motivos demográficos: como a população húngara crescia menos do que a Sérvia, não fazia sentido os magiares acalentarem aspirações ambiciosas. Nos casos da Bósnia e do Kosovo, ocorria o inverso: o fortalecimento da asserção nacional de muçulmanos bósnios e albaneses kosovares, majoritárias e com alta taxa de fertilidade nas respectivas repúblicas e província autônoma, especialmente os seguidores. Na Croácia, cuja população se ressentia do centralismo federal em Belgrado, uma dificuldade adicional para o nacionalismo territorial croata advinha do grande contingente de sérvios habitantes daquela república. Na Sérvia, onde separatismo sérvio, por definição, não existia, difícil era acomodar aspirações autonomistas dos outros ao unitarismo da administração em Belgrado. Logo em seguida se veria outro tipo de dificuldade, com a reemergência de facções da própria Sérvia que voltavam a postular o expansionismo, exigindo jurisdição sobre todas as áreas habitadas por seus conacionais, principalmente na Croácia, na Bósnia e no Kosovo”. (ALVES, 2013, p. 85)

Alves comenta todo o contexto do novo “barril de pólvora” que se formava na Iugoslávia, baseado em antigas disputas e novos ódios entre as etnias. O crescimento populacional dos muçulmanos da Bósnia e albaneses do Kosovo criam um aumento significativo dos nacionalismos desses grupos dentro de suas repúblicas, já o dos húngaros da Vojvodina diminui por causa da quantidade de sérvios na região ser muito maior que de húngaros. Já na Croácia, existia uma insatisfação com o domínio de Belgrado (Sérvia) sobre a Iugoslávia, havia um centralismo da Federação em Belgrado. Os Sérvios, contando já com esse centralismo em Belgrado, tiveram seus grupos nacionalistas difundindo ideias expansionistas, o que ia de encontro com o Kosovo, Croácia e Bósnia, locais onde viviam sérvios. O plano dos nacionalistas sérvios era unir todos os sérvios da Iugoslávia em um só território. (THE DEATH OF YUGOSLAVIA, 1996)

“A primeira crise ameaçadora da década, tal como a última do século, ocorreu no Kosovo, em 1981. Iniciada por

protestos de estudantes contra a má qualidade da comida na Universidade de Pristina, os motins se ampliaram aos kosovares albaneses em geral, que já correspondiam a mais de 90% da população, com rebeliões nas minas e usinas. Seu objetivo não era separatista, mas sim a transformação da província autônoma em república, em pé de igualdade com as demais”. (ALVES, 2013, p.86)

Essa crise no Kosovo, acendeu um fogo entre nacionalistas kosovares de origem albanesa e os sérvios do Kosovo que estavam respaldados pelos nacionalistas sérvios que buscavam o expansionismo, como Alves (2013, p. 85), cita,

“Transformar o Kosovo em república seria dividir a Sérvia, abrindo precedente perigoso para os húngaros da Vojvodina e para os albaneses da Macedônia. Para os nacionalistas sérvios isso era uma provocação que justificaria a reimposição de controle total por Belgrado. (ALVES, 2013, p. 87)

Com os nacionalismos a flor da pele, a Liga dos Comunistas da Iugoslávia, fazem uma intervenção no Kosovo para acalmar os ânimos. Porém, “toda ação gera uma reação” e em 1986, os nacionalistas sérvios fizeram um memorando repudiando a constituição de 1974 que dava autonomia ao Kosovo e a Vojvodina.

“O primeiro de reação claramente nacionalista sérvia – não “unitarista”, nem “centralista”, como costumava ser chamada a alegada predominância da Sérvia na Iugoslávia socialista – veio na forma de um Memorando da Academia Sérvia de Ciências e das Artes, divulgado em Belgrado, em setembro de 1986 (...) O memorando repudiava virulentamente a Constituição de 1974, que dava repúblicas e províncias autônomas a outros povos, mas não permitia a união de todos os Sérvios. Concentrando suas atenções no Kosovo, encarava os atritos de 1981 como uma guerra genocida dos albaneses contra os sérvios, obrigados a emigrar, com os montenegrinos, para escapar a terrorismo e estupros, e explicitava: a menos que a situação mude radicalmente, daqui a dez anos não haverá mais sérvios no Kosovo, um Kosovo “eticamente puro”, conforme objetivo expressado pelos racistas pan-albaneses desde o século XIX”. (ALVES, 2013, p.90)

Esse memorando que Alves cita alguns fragmentos, é o documento que mostra o sentimento do nacionalismo sérvio para com os albaneses do Kosovo,

um sentimento movido por ódios cultivados por essas etnias desde o século XIV. O memorando ainda fala que “a Sérvia sempre perdeu na paz aquilo que havia ganho nas guerras”, se referindo principalmente ao território kosovar que já pertenceu a Sérvia e da mesma forma que eles criticam os pan-albaneses, eles estavam se tornando pan-sérvios visando a união de todos os sérvios em um só território. Segundo Alves (2013, p.91), o nacionalismo sérvio estava crescendo em cima de um “revanchismo”, “Fornecia, assim, fundamentação a um nacionalismo “revanchista” agressivo”. Os líderes da Liga dos Comunistas da Sérvia repudiaram o memorando e o presidente da Liga Ivan Stambolic disse a seguinte frase: “Pois a Iugoslávia é a única solução para a questão sérvia. Sem a Iugoslávia, a nação sérvia está condenada ao desmembramento” (ALVES, 2013. p. 90). Porém, nem todos os líderes da Liga Sérvia dos Comunistas estavam de acordo com a posição de Stambolic, um deles era Slobodan Milosevic que compactuava com as ideias dos nacionalistas.

“De toda a liderança comunista da Sérvia, uma única autoridade deixou de criticar de público o memorando da Academia, embora conste que o tenha feito em reunião reservada: o Presidente da Liga Sérvia dos Comunistas, Slobodan Milosevic, eleito para essa função poucos meses antes, em maio de 1986, com apoio do antecessor Ivan Stambolic (...) Milosevic apropriou-se do programa nacionalista, seguindo as prioridades do memorando”. (ALVES, 2013, p. 92)

Alves cita que, dentre os líderes da Liga Sérvia dos Comunistas, o único que não declarou posição contrária em público foi Milosevic, ele que se tornara Presidente desta Liga, o que significa ser o líder maior da Sérvia. Milosevic acreditava no nacionalismo sérvio que havia nascido do revanchismo contra os albaneses do Kosovo, muçulmanos e croatas e se apropriou das ideias do memorando de uma Sérvia com todos os sérvios unidos.

“Milosevic compareceu a um comício dos sérvios da província, no famoso campo onde havia ocorrido a batalha perdida para os otomanos em 1389, declarando, em seu discurso: “De agora em diante, ninguém tem mais o direito de agredi-los”. Essa declaração do político mais importante da Sérvia naquele momento, contra os kosovares albaneses, consagrou-o imediatamente como líder, com o povo gritando: “Slobo! Slobo!” De volta a Belgrado, ao longo dos dois anos seguintes, Milosevic consolidou sua posição dominante no governo da Sérvia e da federação, demitiu os albaneses do

Governo em Pristina, promoveu mais uma intervenção do exército no Kosovo, assegurou o controle das duas províncias autônomas, do Kosovo e da Vojvodina, pelos sérvios, e revogou, na prática, as conquistas que Tito lhes havia conferido. O parlamento em Belgrado ratificou essas iniciativas, modificando a Constituição de 1974 para reintegrar inteiramente as duas províncias à Sérvia". (ALVES, 2013, p.92)

Slobodan Milosevic seguindo o Memorando que traçou as linhas do nacionalismo sérvio, reintegrou o Kosovo e a Vojvodina a Sérvia, se tornou o Líder da Sérvia e como vemos no documentário "The Death of Yugoslavia", Slobodan tinha uma enorme influência sobre a federação comandada pela Liga dos Comunistas da Iugoslávia. Milosevic exercendo essa influência, mudou na prática, a constituição e usou o JNA (Exército Iugoslavo) contra representantes dos nacionalismos inimigos da Sérvia. Tudo estava se desenhando para a dissolução da Iugoslávia. (THE DEATH OF YUGOSLAVIA, 1996)

2.2 As guerras por Independência na Iugoslávia

O cenário da Iugoslávia no início da década de 1990, se desenhava para o desmembramento da federação criada por Tito. Nas esferas Econômica e Política a crise se instaurava, os nacionalismos de grupos étnicos diferentes e rivais cresciam e tudo indicava que o "barril de pólvora" iria estourar.

"Enquanto a inflação iugoslava se acelera a ponto de atingir 2.500% em 1989, a escassez de combustível e os cortes constantes de energia provocando desorganização da produção agravavam ainda mais os desequilíbrios entre as repúblicas" (ALVES, 2013, p. 93)

Além das crises econômicas e o sentimento nacionalista em uma crescente, a queda do muro de Berlim e o fim melancólico da URSS, influenciavam diretamente nos Bálcãs e, algumas medidas políticas que não eram ideologicamente compatíveis com o comunismo, começaram a ser tomadas em algumas repúblicas da Iugoslávia.

"Em 1987, os liberais da Eslovênia exigiam uma modificação geral do sistema, com pluralismo político. O presidente da Liga dos Comunistas da Eslovênia, Milan Kucan, deu apoio

aos reformistas, e, em 1989, a Assembleia eslovena legalizou a existência de diversos partidos políticos na república. Na Croácia, evolução assemelhada ocorria, com os partidos aparecendo antes de serem legalizados, entre os quais a União Democrática Croata (HDZ) de Franjo Tudjman. Em dezembro de 1989, sob influência externa do que via ocorrer os comunistas dos países aliados a Moscou, também a Liga dos Comunistas da Croácia aceitou o princípio do pluralismo partidário, que foi adotado por lei em janeiro de 1990. Tanto a Eslovênia como a Croácia se prepararam para eleições livres, marcadas para a primavera” (ALVES, 2013, p. 94)

Os membros dos partidos comunistas da Eslovênia e da Croácia, tendo por base a decadência comunista soviética iniciaram uma abertura do sistema. Aceitando a criação de um pluripartidarismo em suas repúblicas e visando sua independência da Iugoslávia, marcaram eleições livres e democráticas para elegerem os presidentes de suas repúblicas em 1990.

Os croatas e eslovenos estavam arrumando seus respectivos cenários políticos para uma eleição interna e uma futura independência perante a Iugoslávia, a Sérvia, tinha o nacionalismo baseado na ideia de união de todos os sérvios da Iugoslávia e o Kosovo era uma “Pedra no sapato” dos sérvios, para que isso se concretizasse.

“No Kosovo, como já se viu, as tensões entre albaneses e sérvios não esmoreciam. Na Sérvia, peça principal do jogo de tabuleiro, a transformação do centralismo comunista em orgulho nacional fascistoide era tanta e tão disseminada que Milosevic chegava a parecer moderado. Os políticos expressivos eram todos pela supressão da autonomia do Kosovo e pela união dos sérvios numa pátria única indivisa (...) Vojislav Seselj, do Partido Radical Sérvio, não hesitava em declarar necessário “esgoelar os croatas, não com uma faca, mas com uma colher enferrujada (...) Na Croácia, por seu lado, em 1989, Franjo Tudjman lançava livro intitulado Absurdos da Realidade Histórica, rechaçando alegações de que os ustashe haviam praticado genocídio contra sérvios e judeus” (ALVES, 2013, p. 95 e 96)

A luz dos textos de Alves, podemos observar que os líderes das repúblicas socialistas da Iugoslávia, estavam abertos aos nacionalismos étnicos de suas nações. Na Sérvia, Milosevic estava encabeçando o nacionalismo que visava a união de todos os sérvios, “. Os políticos expressivos eram todos pela supressão da autonomia do Kosovo e pela união

dos sérvios numa pátria única indivisa” Alves (2013, 95). Já a Croácia e a Eslovênia estavam seguindo caminhos parecidos, tendo uma abertura política e com eleições marcadas “Tanto a Eslovênia como a Croácia se prepararam para eleições livres, marcadas para a primavera” Alves, (2013, p. 94).

2.3 A Guerra da Eslovênia (1991)

No documentário da BBC de 1996 “The Death of Yugoslavia”, podemos ver que Milosevic “controlava” o JNA (Exército Iugoslavo). A Croácia e a Eslovênia eram “separatistas”, já a Sérvia era uma “unificadora”. Porém, na verdade, era uma unificadora de Sérvios. No decorrer das guerras da Croácia e da Bósnia, fica mais claro que o JNA foi usado como um exército sérvio e não iugoslavo, já eslovenos e croatas dependiam de suas polícias e grupos paramilitares de nacionalistas para suas defesas. (THE DEATH OF YUGOSLAVIA, 1996)

“Em fevereiro de 1990, o partido comunista esloveno declarou sua independência da Liga da Iugoslávia e abdicou da posição de guia da sociedade. As eleições, em abril, deram vitória à coalizão de centro-direita DEMOS, com 55% dos votos (...) O presidente do Partido Democrata Cristão, Lojze Peterle, tornou-se Primeiro-Ministro, enquanto o comunista reformador Milan Kucan assumia a Presidência da República. Diante da recusa de Belgrado em reconhecer a soberania da república, Kucan e Peterle resolveram convocar um referendo para a população decidir se queria uma “Eslovênia soberana e independente”. O referendo, proibido por Belgrado, ocorreu em dezembro de 1990, o “sim” obteve 88,5% dos votos, e Liubliana marcou a independência, oposta pelo governo federal, para seis meses depois: 25 de junho de 1991.” (ALVES, 2013, p. 96 e 97)

A Eslovênia já “independente” não agradou os sérvios, pois a independência dessa república da Iugoslávia poderia abrir caminho para demais independências e levar ao esfacelamento da nação multiétnica. (THE DEATH OF YUGOSLAVIA, 1996)

“Na Eslovênia, onde quase não havia habitantes sérvios, a guerra foi curta: dez dias e quarenta e cinco vidas eslovenas, com número maior de vítimas do lado do exército iugoslavo” (ALVES, 2013, p.97)

A Guerra da Eslovênia foi curta, porém marcante. Ocorreu no ano de 1991 e marcou a primeira vez que o JNA foi usado na década de 1990, sendo verdadeiramente, uma força inimiga contra uma das repúblicas que estavam se tornando independentes. O exército da Eslovênia era formado pela polícia local e grupos de nacionalistas voluntários, além de que, como Alves cita, a Eslovênia quase não tinha sérvios, o que fazia com que a Sérvia não tivesse tanto interesse em barrar sua independência já que não influenciava diretamente no nacionalismo sérvio de união dos sérvios de toda a Iugoslávia, além de que, a questão geográfica influenciou na não atuação fervorosa do JNA por parte da sérvia, já que para chegar a Eslovênia, eles precisariam passar pelo território croata, onde o presidente Franjo Tudjman, havia proibido a passagem do exército Iugoslavo em direção a Eslovênia. (THE DEATH OF YUGOSLAVIA, 1996)

2.4 A guerra da Croácia (1991-1995)

A Guerra da Croácia foi bem longa, diferentemente da Guerra da Eslovênia que teve conflitos por apenas dez dias. Existem alguns motivos para que essa guerra durasse mais e esses motivos derivam de questões étnicas entre croatas e sérvios. A independência croata cruzava com os interesses do nacionalismo sérvio, muitos sérvios viviam na Croácia e para os sérvios a independência croata tiraria deles a liberdade, pois o nacionalismo sérvio apregoava que a independência croata seria a volta dos ustashes. (THE DEATH OF YUGOSLAVIA, 1996)

“Na Croácia, onde, de um total de 4,7 milhões de habitantes, 581 mil (12,2%) eram sérvios, o efeito imediato foi diferente, infernal em áreas específicas (...) Conforme o “modelo” da Eslovênia, a Croácia realizou eleições em abril de 1990, de que saiu vencedora a União Democrática Croata (HDZ), com 42% dos votos (...) Franjo Tudjman, presidente da HDZ, foi eleito pelo Sabor (parlamento croata) Presidente da República. A imprensa de Belgrado logo qualificou os eleitos de “fascistas”, o governo de Zagreb de “ustasha” e os croatas de “povo genocida”, rotulações retomadas em vários comícios pelos sérvios da Croácia.” (ALVES, 2013, p. 97 e 98)

A Croácia seguiu os passos da Eslovênia e por meio da democracia levando em conta a vontade de seu povo, convocou eleições e elegeram como

presidente, Franjo Tudjman. Tudjman era um nacionalista croata que queria a independência do país. O grande problema dessa eleição era que, por Tudjman ser um nacionalista croata, os sérvios da Croácia não o aceitaram como presidente, pois os sérvios taxavam o governo eleito na Croácia, de “fascista” e “genocida”, termos que remetiam aos ustashes, que, como já vimos, eram radicais nacionalistas da Croácia apoiados por Hitler na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ou seja, os nacionalismos étnicos estavam a flor da pele entre sérvios e croatas após a eleição de Franjo Tudjman.

“Em 17 de agosto de 1990, as treze “comunas” da Krajina croata, região fronteiriça com o noroeste da Bósnia, onde os sérvios predominavam, proclamaram-se região autônoma da Sérvia. A decisão foi ratificada por plebiscito na área, controlada por milícias locais, que desarmaram e expulsaram a polícia croata de Knin e elevaram barreiras nas estradas. Iniciavam-se, assim, a rebelião dos sérvios habitantes fora da Sérvia contra a separação da “pátria mãe”. (ALVES, 2013, p.98)

A criação da chamada República de Krajina, foi o estopim entre as relações de croatas e sérvios, as milícias de Krajina eram bancadas pelos sérvios com armamentos do JNA, já os croatas dependiam exclusivamente de sua polícia e grupos paramilitares de nacionalistas. No documentário “The Death of Yugoslavia” produzido pela BBC em 1996, vemos que os croatas compraram armas húngaras para terem algum poderio bélico contra o JNA. Mais de meio milhão de sérvios viviam na Croácia e o nacionalismo sérvio se concentrou na cidade croata de Knin, onde houve o desarmamento da polícia croata na região e o início da rebelião dos sérvios fora da sérvia.

“Na Croácia, alguns partidos, como o HDZ de Tudjman, armavam suas próprias milícias, para enfrentarem as milícias sérvias, armadas por Milosevic. Quanto ao Exército Popular da Iugoslávia (JNA), que todos tendem a rotular logo de “sérvio”, cabe lembrar que era um exército de conscritos de todas as repúblicas, embora mais de 50% da oficialidade fosse realmente sérvia, por vocação, preferência ou nepotismo. Como é comum na maioria dos países, o JNA tinha seus próprios valores. O principal era a Iugoslávia, cuja ordem constitucional tinha por missão defender. Com o fortalecimento dos nacionalismos, muitos oficiais – não esqueçamos que Tudjman fora General do JNA – optavam pela defesa das respectivas repúblicas. A identificação da Sérvia com a Iugoslávia terá facilitado o comando de

Milosevic e a dedicação do JNA à causa da Grande Sérvia.”
(ALVES, 2013, p. 99)

Alves comenta os motivos do JNA acatar ordens de Milosevic. As repúblicas que se tornaram independentes haviam de se defender com forças próprias, mas a identificação da Sérvia com a Iugoslávia e a maioria dos combatentes e generais do JNA sendo sérvios, fez com que o exército da Iugoslávia fosse usado, pela Sérvia, como força de ataque e defesa de sua causa nacionalista.

A situação na Iugoslávia estava se tornando cada vez mais crítica. No ano de 1991, a Croácia governada por Tudjman que era abertamente nacionalista, tendo os croatas a seu favor e os sérvios habitantes de sua república, contra. Esses sérvios dominaram alguns territórios dentro da Croácia e se auto intitularam província autônoma da Sérvia e o JNA estava iniciando sua invasão a terras croatas habitadas por sérvios. Isso, para concretizar o plano nacionalista de Milosevic de unificação de todos os sérvios em uma só república.

“O JNA havia iniciado sua mobilização, a rebelião dos sérvios havia chegado à Eslavônia, e a Croácia proclamou sua “dissociação” constitucional da federação em 25 de junho de 1991, junto com a Eslovênia. Enquanto se expandia a revolta dos sérvios, que a Guarda Nacional Croata, mal treinada e mal equipada, não lograva conter, e ciente de que o Governo federal havia instruído o JNA a atravessar o território bósnio para tomar todos os territórios considerados sérvios da Croácia, o Presidente Franjo Tudjman decretou mobilização geral para a “Guerra de Libertação” (ALVES, 2013, p.100)

Os sérvios nacionalistas que haviam declarado a república de Krajina, estavam avançando com suas milícias para dentro do território croata buscando expandir sua república povoada por sérvios e já tomavam conta de quase toda a Eslavônia (território croata habitado por maioria sérvia. Com todo esse contexto conflituoso, Tudjman reage e declara uma mobilização para a “Guerra de Libertação”. De um lado os croatas tentando manter seus territórios em uma totalidade e buscando a independência total da Iugoslávia, do outro lado os sérvios tendo posse do JNA buscando unificar todos os sérvios em um só território, a guerra estava prestes a começar.

“A guerra que durou seis meses, até que um já décimo cessar-fogo proposto pela comunidade internacional funcionou (...) esse acordo para a suspensão de hostilidades, assinado em 3 de janeiro de 1992, foi, afinal, respeitado” (ALVES, 2013, p.100 e 101)

As hostilidades diretas entre croatas e sérvios na Guerra da Croácia na década de 1990, duraram realmente seis meses. Porém, como foi assinado apenas um cessar fogo como cita Alves, a Guerra da Croácia não terminou após esses seis meses. Além da Guerra da Croácia, na Bósnia multiétnica, sérvios e croatas agiram em lados opostos. Ambas as guerras, acabaram apenas com os acordos de Dayton firmados em dezembro de 1995 em Paris. (Alves, 2013, p.129).

Dentro das batalhas na guerra da Croácia, dois cercos a cidades croatas devem ser ressaltados, o cerco de Vukovar e Dubrovnik, além de várias barbáries envolvendo croatas e sérvios.

“A saudação dos três dedos dos nacionalistas sérvios, o sinal da paz com o acréscimo do polegar. O sinal significa tanto a Santíssima Trindade quanto a crença dos sérvios de que são seus mais autênticos representantes no planeta (...) durante a guerra, os paramilitares forçavam muçulmanos e croatas a fazerem essa saudação antes de os estuprarem ou matarem”. (FOER, 2005, p. 17)

O autor Franklin Foer, descreve como os paramilitares sérvios agiam com seus inimigos e cometiam crimes de guerra como o estupro e mortes de civis. O documentário “The Death of Yugoslávia” mostra as atrocidades que os soldados sérvios cometiam com seus inimigos. Assassinavam a sangue frio e a queima roupa e após isso, os corpos eram empilhados e colocados em caminhões.

“Vukovar é uma cidade na fronteira oriental da Croácia com a Sérvia, que tinha 44 mil habitantes, 47% dos quais croatas e 32% sérvios. Estes se rebelaram em maio de 1991, a exemplo dos conacionais a Sudoeste meses antes, e, segundo consta, pediram apoio ao exército iugoslavo. O JNA, que já havia lançado sua ofensiva, enviou, em agosto, uma coluna de tanques que cercaram a cidade. O sítio durou 87 dias – três meses de bombardeiros com artilharia pesada e uma média de 12.000 cartuchos por dia – contra a cidade onde 1.800 guardas croatas, improvisados e com armas leves, enfrentavam 36.000 soldados sérvios bem equipados.

Quando a cidade caiu, nessa batalha feroz chamada de “Stalingrado croata”, em 18 de novembro de 1991, centenas de “soldados” e civis foram massacrados pelos vencedores, enquanto 31.000 croatas eram deportados na primeira grande “limpeza étnica” realizada pelos sérvios, divulgada em todo o mundo” (ALVES, 2013, p. 101 e 102)

O cerco de Vukovar marcou o primeiro grande cerco a uma cidade na Guerra da Croácia, toda a comunidade internacional observou as atitudes dos JNA contra os croatas em Vukovar. Além de ser o primeiro cerco, Vukovar ficou marcada pela “limpeza étnica” promovida pelos sérvios contra os croatas, através de massacres e a deportação de mais de trinta mil pessoas. Além de Vukovar, o cerco de Dubrovnik mostrou como funcionava a animosidade entre as etnias.

“Dubrovnik é um dos lugares turísticos mais lindos e frequentados da costa dálmata. Ali não havia sequer minoria sérvia para rebelar-se. Em 1º de outubro de 1991, quando o cerco de Vukovar já durava dois meses, o JNA decidiu sitiá-lo e seus arredores (...) Sob as vistas do mundo inteiro, que acompanhava a tragédia pela televisão, a artilharia pesada, bombardeou, sem motivo, os campos, os arredores e a própria cidade-monumento, tombada pela UNESCO como patrimônio da humanidade. Mais do que Vukovar, o episódio de Dubrovnik constituiu mau negócio para os atacantes em matéria de relações políticas. Já quase unanimemente contrária à Sérvia de Milosevic, a opinião pública internacional condenou essa operação, que durou oito meses (...) o cerco e o bloqueio marítimo causaram relativamente poucas mortes, 88 civis e 94 soldados das forças croatas, além de 165 do JNA. Mas a ofensiva deslocou 15.000 refugiados (...) destruiu, por outro lado, 11.425 prédios e construções, alguns dos quais inestimáveis, como muralhas medievais da cidade. A operação bélica em Dubrovnik não serviu de nada para a Sérvia, nem funcionou como justificativa bastante para uma intervenção de fora. Invalidou, porém argumentos de que as ações do JNA eram defensivas, para proteger os sérvios nas repúblicas separatistas. Não havia mais qualquer dúvida de quem era o verdadeiro agressor”. (ALVES, 2013, p. 102 e 103)

O cerco de Dubrovnik acabou sendo menos mortal que o de Vukovar, mas foi mais destrutivo. Mais de onze mil prédios e monumentos da cidade, foram destruídos pelo JNA. Além de que, a Sérvia saiu desse cerco como sendo a verdadeira agressora, mostrando que usava o JNA para a imposição de sua vontade nacionalista. Porém, a Guerra da Croácia terminou apenas em 1995 com os acordos de Dayton. Foi uma Guerra marcada por hostilidades

sérvias baseadas num revanchismo e uma limpeza étnica dos sérvios para com os croatas.

2.5 A guerra da Bósnia (1992-1995)

A Bósnia tinha uma população multiétnica entre sérvios, croatas e muçulmanos normalmente chamados de servo-bósnios, bósnios-croatas e bosniacs ou bósnio-muçulmanos, além de religiões diferentes e até mesmo inimigas.

“A Bósnia tinha um total de 4,3 milhões de habitantes, dos quais os sérvios eram 31%, os croatas 17%, e os muçulmanos 44% (...) sempre foi habitada por três etnias de religiões diferentes, muçulmana (ou bosniaca), ortodoxa (Sérvia) e católica (croata) (...) as diferentes etnias, reconhecidas com status de nacionalidades, diferentemente da Croácia e da Sérvia, na Bósnia não viviam em áreas definidas”. (ALVES, 2013, p. 97 e 109)

Podemos ver claramente no documentário “The Death of Yugoslavia”, que as etnias dentro da Bósnia foram fomentando seus nacionalismos por causa das independências da Eslovênia e da Croácia. Os sérvios e croatas tinham o mesmo objetivo, unir as suas “pátrias mãe” e formar um território único com as pessoas de sua etnia, já os muçulmanos queriam um território próprio, algo que ainda não tinha, já que a Bósnia era dividida em três etnias. E 1991 tudo se alinhava para uma grande guerra civil dentro da Bósnia.

“Ciente de que o JNA estava atravessando o território Bósnio para reforçar a “república de Krajina” e temendo ver o país dividido entre uma “Grande Sérvia” e uma “Grande Croácia”, conforme intenção não escondida em Zagreb, Alija Izetbegovic, Presidente da federação da Bósnia e de etnia muçulmana, deu a conhecer ao parlamento sua disposição para defender a soberania da Bósnia”. (ALVES, 2013, p. 111)

Os líderes croatas aceitaram o pedido de Izetbegovic e em 29 de fevereiro, ocorreu um plebiscito que decidiu a independência da Bósnia em relação a Iugoslávia, evento que foi boicotado pelos sérvios e seus líderes que visavam uma união com a Sérvia (Alves, 2013, p.112). Dias depois, em 4 de março, na cidade de Pale, os líderes sérvios da Bósnia se reuniram e, em 27 de março, se autoproclamaram “entidade nacional sérvia”, vinculada ao que

restara da Iugoslávia (Sérvia e Montenegro), adotando Constituição própria para a “nação sérvia da Bósnia e Herzegovina” (Alves, 2013, p. 112).

O cenário para a Guerra da Bósnia estava montado, de um lado os croatas e muçulmanos em defesa da independência da Bósnia e de outro lado os sérvios com o objetivo nacionalista de Milosevic de unificação de todos os sérvios em uma só nação, agora com sua autoproclamada “República Srpska”. Além disso, os sérvios tinham o apoio do JNA que agora, na prática, era um exército sérvio e não mais iugoslavo, já os croatas e muçulmanos contavam apenas com suas polícias e milícias mal treinadas e mal armadas. (THE DEATH OF YUGOSLAVIA, 1996)

O símbolo da Guerra da Bósnia e dos horrores que nela aconteceu, foi o cerco de Sarajevo, promovido pelo JNA.

“Estima-se que o número de vítimas fatais do cerco tenha chegado a mais de 14 mil, metade, pelo menos, vivis, dos quais 1.500 eram crianças (...) enquanto o cerco permanecia tenaz em volta da capital, os assaltos, conflitos e “limpezas étnicas” se multiplicavam por todo o território” (ALVES, 2013, p. 114)

Os horrores acontecidos em Sarajevo, eram observados por todo o mundo. Porém, as coisas haveriam de piorar para os muçulmanos da Bósnia, os croatas romperam laços com os bosniacs e voltaram ao plano de ter uma “Grande Croácia”.

“Em maio de 1992, a aliança bósnio-croata rompeu-se. Com os sérvios dominando a maior parte do território e dele expelindo os não sérvios, os croatas da Herzegovina, que antes combatiam os sérvios, com retaguarda garantida pelas forças de Zagreb, aos poucos decidiram retomar a velha ideia de divisão do país entre a Croácia e a Sérvia, decidiram formar um “Estado Croata da Bósnia”, que se autodenominou “Comunidade Croata de Herceg Bosna” (...) os croatas passaram a atacar os muçulmanos, e a guerra passou a ter três partes”. (ALVES, 2013, p. 116 e 117)

Agora, tendo que lutar em três fronts, a Bósnia, no caso os muçulmanos, tiveram que recorrer a comunidade internacional para que tivessem alguma espécie de ajuda. Assim, até que acordos fossem firmados, a mídia acompanhava de perto o que acontecia na Bósnia.

“Foi nessa fase que a imprensa internacional começou a publicar matérias sobre os campos de prisioneiros muçulmanos (...) a maioria dos centros de suplícios, estupros e massacres eram mantidos por paramilitares sérvios (...) a atuação dos sérvios fanáticos concluiu-se com a “limpeza étnica” de mais de 5.4000 bosníacos e croatas mortos ou desaparecidos. (ALVES, 2013, p. 117 e 118)

Com toda essa cobertura midiática, a comunidade internacional e principalmente os EUA, começaram a olhar para Sarajevo e para os muçulmanos da Bósnia. O estopim para que o ocidente agisse foi um ataque a um mercado em Sarajevo.

“A necessidade de operação militar externa se tornou impostergável diante do trágico episódio do mercado de Markale, em Sarajevo. Em manhã de fevereiro de 1994, no pesado inverso da Bósnia, um morteiro explodiu no meio do povo que tentava comprar alimento no único mercado aberto da cidade. Morreram 68 pessoas”. (ALVES, 2013, p. 121)

Esse fato tornou impostergável uma operação militar na Bósnia por parte do ocidente. Logo após, os EUA iniciaram negociações, primeiramente, entre os muçulmanos e croatas para que acabassem com um dos fronts de batalha e voltassem a se unir.

“Atuando junto a Tadjman e Izetbegovic, Washinton conseguiu o cessar-fogo e persuadiu os dois líderes a formar uma federação não entre Croácia e a Bósnia, como antes era cogitado por Tadjman, mas entre bosniacs e croatas da Bósnia. Surgia assim, em 18 de março de 1994, a Federação da Bósnia e Herzegovina, que até hoje existe como entidade componente de Estado bósnio”. (ALVES, 2013, p. 122)

Com a atuação dos EUA, a Guerra da Bósnia e os massacres contra muçulmanos e croatas da Bósnia por parte dos sérvios, estava a chegar ao fim.

“Em 30 de agosto, a OTAN decidiu lançar uma operação aérea contra as forças dos sérvios que cercavam Sarajevo, enquanto a ONU exigia a retirada das armas pesadas para vinte quilômetros de distância. Em 5 de outubro os beligerantes assinaram um cessar-fogo. Os chamados acordos de Dayton foram assinados em 14 de dezembro de 1995. Criou-se uma força da OTAN, sob o comando dos Estados Unidos, para garantir os acordos, chegando assim ao fim as guerras da Bósnia e da Croácia. A guerra da Bósnia causou cerca de 100 mil mortes, sendo 66% bosniacs” (ALVES, 2013, p. 123)

Depois de muitos anos de guerra entre croatas, sérvios e muçulmanos, as independências puderam ser realmente concretizadas, infelizmente com um número grande de baixas e perdas. Alves cita que mais de cem mil pessoas morreram no conflito pelas causas nacionalistas. Após intervenções da ONU e da OTAN, principalmente dos EUA, o conflito teve um fim no dia 14 de dezembro de 1995.

2.6 A guerra do Kosovo (1998-1999)

Ainda existia, dentro da antiga Iugoslávia, que no fim da década de 1990 já era formada apenas por Sérvia e Montenegro um nacionalismo não sérvio e que buscava sua independência. As tensões entre albaneses do Kosovo e os sérvios existem desde o século XIV.

“Em 1997, Milosevic foi eleito Presidente da Federação da Iugoslávia. Aliou-se, porém, com o presidente do Partido Radical, Vojislav Seselj, que antes não o apoiava. Ambos retomaram provocações aos albaneses do Kosovo, tema para o qual Milosevic se preparava desde 1989 (...) em 1996 entrou em cena do lado albanês um “Exército de Libertação do Kosovo” (UCK). Começaram, então, ataques às delegacias de polícia, casernas e outras instalações do Estado Iugoslavo”. (ALVES, 2013, p. 126)

O palco já estava montado para um enfrentamento entre os sérvios e os albaneses do Kosovo e as tensões só aumentavam entre ambos os grupos.

“As tensões, atritos e combates aumentavam, com o UCK realizando operações de guerrilha. A Comunidade Europeia e os Estados Unidos queriam uma solução política, mas Milosevic se recusava a negociar. Alegava que o UCK era um bando de terroristas a serem eliminados pela força”. (ALVES, 2013, p. 127)

Após as Guerras da Eslovênia (1991), Croácia (1991-1995) e Bósnia (1992-1995), devido a todas as atrocidades cometidas nelas e as limpezas étnicas promovidas pela Sérvia, a comunidade Europeia e os Estados Unidos estavam preocupados com um possível novo conflito, envolvendo os albaneses do Kosovo e os sérvios. Dessa forma, o objetivo era resolver as tensões de forma diplomática para que não houvesse uma nova guerra nos Bálcãs.

“Na primavera de 1998, enquanto se multiplicavam os combates, a OTAN ameaçou uma intervenção aérea. Em junho Milosevic lançou uma grande ofensiva, que reabriu, dela resultou um gigantesco deslocamento de kosovares. Em fevereiro de 1999, uma conferência de paz reuniu-se em Rambouillet, na França, com participação do Vice-Primeiro-Ministro sérvio Vuk Draskovic, ex-opositor de Milosevic, e de um grupo de albaneses representando Rugova e o UCK. Estes aceitaram o plano. Enquanto isso, porém, Milosevic, que dispunha, segundo a OTAN, de 30.000 homens armados na província, iniciava nova e grande ofensiva. Os ataques começaram em 24 de março e continuaram até 10 de junho. Nesse período, em retaliação pelos bombardeios em diversas partes de seu país, as forças de Milosevic, tornaram-se ainda mais violentas. Mas o Governo em Belgrado teve que ceder”.

(ALVES, 2013, p. 127)

A entrada da Otan no conflito fez com que a balança de poder pesasse em favor dos albaneses do Kosovo e a reputação dos sérvios de serem agressores nas guerras do Kosovo fez com que a Comunidade Europeia e os Estados Unidos entrassem no conflito em favor da independência Kosovar. A entrada da Otan fez a Guerra do Kosovo (1998-1999) terminar.

“Desde o final da guerra, o Kosovo foi administrado, por quase oito anos, como um protetorado internacional, enquanto o governo local insistia na intenção de tornar-se independente. Em 17 de fevereiro de 2008, os albaneses no poder em Pristina, estimulados pelos Estados Unidos, levaram adiante a ideia e declararam unilateralmente a independência da República do Kosovo, não reconhecida pela Sérvia, nem pela maioria dos membros da ONU (...) Quando a Iugoslávia pós-Segunda Guerra Mundial se desfez, em 1991, Montenegro se manteve junto com a Sérvia sob diversos nomes: República Federal da Iugoslávia, União da Sérvia e Montenegro, simplesmente Sérvia e Montenegro, com governos e políticos separados e orientações às vezes divergentes. A separação formal se deu somente em 2006, quando, em plebiscito para saber se os montenegrinos queriam a independência, 55% dos votos foram favoráveis.”

(ALVES, 2013, p. 128)

Iugoslávia teve sua dissolução total apenas com a separação da Sérvia e Montenegro em 2006 e a independência kosovar em 2008.

SEÇÃO III – O FUTEBOL NO CONTEXTO DAS GUERRAS ÉTNICAS NO PASSADO E PRESENTE

As guerras por independência na antiga Iugoslávia tiveram vários motivos e o nacionalismo exacerbado, é o principal deles. Após muito tempo sendo reprimido pelo governo de Tito, esse sentimento nacionalista foi colocado para fora em meados do fim da década de 1980 e foi esse sentimento que moveu todas as discussões e guerras que aconteceram no território balcânico. O nacionalismo foi levado para vários âmbitos da sociedade, como política, religião e o futebol.

Segundo Franklin Foer (2005, p. 20), um episódio marcante, no meio do futebol, aconteceu em 1990. Esse episódio mostra como o futebol estava ligado com os nacionalismos e como ele era usado pelos governos da época para aflorar esse sentimento patriótico de suas repúblicas. A multiétnica vigente na Iugoslávia propiciava uma tensão entre os povos que ali viviam. Assim, era questão de tempo para que eclodisse uma guerra entre as nações da região, o novo barril de pólvora dos Bálcãs estava formado, esperando apenas um estopim para explodir.

3.1 Croácia x Sérvia

Em 1990 o jogo entre Estrela Vermelha (Sérvia) e o Dínamo Zagreb (Croácia), válido pelo campeonato nacional da Iugoslávia, marcou o estopim da guerra entre os dois países. As tensões já eram extremamente altas entre as duas repúblicas onde, a Croácia visava a separação da Iugoslávia e buscava sua independência, já a Sérvia, buscava manter a Iugoslávia unida e como pano de fundo Milosevic queria criar a grande Sérvia. Os nacionalismos de ambos os povos estavam a flor da pele e, com esse contexto, as equipes entram em campo, não representando seus times, mas sim seus países. As duas torcidas representavam os nacionalismos de cada república. Meses

depois desse episódio, vários integrantes de ambas as torcidas estavam guerreando entre si.

O documentário da BBC "The Real Football Factories International" no episódio Balcãs, exemplifica muito bem o que esse jogo representou para a história de ambos os países. No documentário, citam que o contexto do jogo era caótico em relação ao cenário político, as duas maiores repúblicas da Iugoslávia estavam em rota de colisão e o nacionalismo croata estava estampado na torcida do Dínamo Zagreb como o nacionalismo Sérvio estava também estampado na torcida do Estrela Vermelha. E aconteceu que os torcedores entraram em uma batalha campal, uma briga generalizada entre torcida, polícia e jogadores, não era só Dínamo contra Estrela Vermelha, Bad Blue Boys contra Delije, era Croácia contra Sérvia ou seja, uma prévia da guerra que viria, porém ainda sem armas de fogo.

"Na partida entre o Estrela Vermelha e o Dínamo, contudo, foi a primeira vez em 15 anos que a Iugoslávia viu seus grupos étnicos se enfrentando abertamente. De início a confusão parecia administrável segundo os padrões do futebol europeu. Torcedores do Estrela Vermelha rasgavam cartazes e gritavam: "Vamos matar Tudjman." Quando os torcedores do Dínamo começaram a lhes jogar pedras, os do Estrela Vermelha usaram os cartazes como escudos. As cercas que separavam as duas torcidas desapareceram misteriosamente. A briga tomou conta do estádio, com os combatentes identificados pelas cores das camisas, e então avançou para o gramado. A polícia mostrou-se inepta para enfrentar a situação. Quando um policial bateu num torcedor de Zagreb, um jogador do Dínamo chamado Zvonimir Boban interveio, atingindo o policial no pescoço com uma tesoura voadora. Helicópteros desceram no estádio para tirar os jogadores Sérvios da confusão." (FOER, 2005, p. 20,21)

O autor Franklin Foer descreve, com detalhes, como se deu a batalha campal entre os torcedores do Dínamo e do Estrela Vermelha, É nítido o ódio entre ambas as torcidas e podemos observar que eles não estavam ali para torcer por seus times, estavam, na verdade, representando seus países, representando os nacionalismos de Croácia e Sérvia e, dessa forma, o jogo ficou marcado na história do futebol e da política dos Balcãs. O documentário da BBC The Real Football Factories International no episódio Balcãs, afirma que o jogo foi o estopim para a guerra entre sérvios e croatas, além disso

comenta também que o ato de Boban em revidar a agressão dos policiais aos croatas, fez com que ele se tornasse um ídolo de todo o país, um herói, símbolo do nacionalismo croata.

Imagem que mostra o exato momento em que o jogador Boban do Dínamo Zagreb revida as agressões dos policiais por meio de uma voadora



FONTE: ESPN.COM.BR

Para Foer (2005), é necessário entender o contexto por trás desse jogo, principalmente o contexto das torcidas de ambos os clubes, as torcidas organizadas como conhecemos aqui no Brasil, são torcedores mais fanáticos do que os comuns, sempre estão nos estádios e defendem o clube com suas próprias vidas, existem muitos episódios de brigas entre torcidas organizadas, com feridos e até mortes, dentro e fora dos estádios e na Europa não era diferente, a década de 1980 e 1990 ficou marcada pela atuação dos hooligans, seria o mesmo que as torcidas organizadas que conhecemos aqui no Brasil. Os hooligans agiam com violência, seja contra os torcedores adversários, seja contra a polícia. A forma com que eles atuavam levou, a primeira-ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher, a dizer que os hooligans eram "Uma desgraça para a sociedade civilizada". Se na Inglaterra os governantes não gostavam dos hooligans, na antiga Iugoslávia os governantes usavam os hooligans a seu favor, fazendo com que eles fossem massa de manobra. a respeito dos hooligans do Estrela Vermelha, Foer diz:

"A partir das próprias fileiras do clube, uma organização paramilitar de hooligans foi formada e armada (...) Os torcedores do Estrela Vermelha se tornariam as tropas de choque de Milosevic, os mais ativos agentes da limpeza étnica, genocidas altamente eficientes". (FOER, 2005, p.18)

Os hooligans, portanto, representavam o nacionalismo de sua república, o caso que Foer cita, é o do Estrela Vermelha, sua torcida organizada era chamada de Delije. Essa torcida foi usada por Slobodan Milosevic no decorrer da guerra como uma força paramilitar de apoio ao governo Sérvio. Os hooligans atuavam antes da guerra entre Sérvia e Croácia fomentando o nacionalismo dentro de suas repúblicas, as torcidas e o futebol em si começaram a refletir o sentimento da população, as arquibancadas se tornaram palco de declarações nacionalistas, os estádios eram os termômetros das tensões étnicas e nacionalistas da Iugoslávia.

Existe uma frase, quase que um ditado popular, que diz: "Futebol, Política e Religião não se discutem", essa frase deixa implícito que esses temas não se relacionam, porém o caso da antiga Iugoslávia deixa claro que política e futebol se misturam. Franklin Foer comenta sobre essa miscelânea entre futebol e política na Iugoslávia pré-guerra:

"Sinais de que o Estado multiétnico da Iugoslávia talvez não sobrevivesse por muito tempo podiam ser vistos por toda Zagreb. Dois meses antes, os croatas tinham eleito Franjo Tudjman, um ultranacionalista, ex-general e ex-presidente do Partizan de Belgrado, um time de futebol. A adoção por Tudjman, dos ícones Ustache - símbolos dos fascistas croatas que colaboraram com os nazistas no assassinato de milhares de sérvios - acordou as paixões nacionais de seu povo, há longo tempo adormecidas" (FOER, 2005, p.20)

Nessa citação de Foer, podemos observar que a política e o futebol se misturam, pois o presidente eleito na Croácia já havia sido presidente de um clube de futebol dentro da Iugoslávia, além de que, o símbolo nacionalista por ele adotado era a bandeira quadriculada em branco e vermelho, presente hoje na bandeira croata e no uniforme da seleção de futebol do país, símbolo que também está presente nos escudos dos dois maiores clubes da Croácia o Dínamo Zagreb e o Hadjuk Split. Esse símbolo é visto pelos sérvios como uma afronta, um símbolo do genocídio sérvio que ocorreu no período da segunda guerra mundial. Portanto, símbolos nacionalistas, figuras políticas e clubes de futebol foram atores principais nos conflitos étnicos dentro da antiga Iugoslávia.

No lado Sérvio do conflito, os temas política e futebol, também andavam lado a lado, como já falado, os torcedores do Delije, torcida organizada do Estrela Vermelha, foram usados como um grupo paramilitar apoiado pelo governo de Milosevic e tendo por ideologia o nacionalismo sérvio, Foer fala um pouco sobre o caso da Sérvia em relação ao futebol e o contexto pré-guerra:

"O nacionalismo precisava ser cuidadosamente controlado. Um lugar obviamente perigoso era o estádio do Estrela Vermelha de Belgrado, onde os hooligans haviam se tornado politizados, criavam faixas com os rostos de santos ortodoxos sérvios e do romancista ultranacionalista Vuk Draskovic, chefe do Partido de Renovação Sérvia. Seus cânticos clamavam por independência: "Sérvia sim, Iugoslávia não." (...) Desde o início, o Estrela Vermelha sempre fora um bastião do nacionalismo (...) Em Belgrado, o exército patrocinava o Partizan e a polícia mantinha o Estrela Vermelha. Para os nacionalistas sérvios, o Exército representava os inimigos de sua causa. A ideologia do exército comunista rejeitava qualquer noção de identidade sérvia como um anátema da solidariedade dos trabalhadores e da harmonia étnica. Os partisans de Tito, homônimos do time do Exército, haviam matado, encarcerado e espancado os Chetniks, o exército de nacionalistas (alguns dizem fascistas) sérvios que também enfrentara os nazistas. Havia suprimido a Igreja Ortodoxa sérvia. Com esses adversários odiosos, o Estrela Vermelha tornou-se um lar para os sérvios que aspiravam a recuperar sua nação." (FOER, 2005, p.23).

O contexto político na Sérvia envolvendo o futebol é extremamente complexo, na Sérvia os dois grandes clubes eram o Estrela Vermelha e o Partizan, ambos de Belgrado, porém eram de certa forma inimigos no tocante ao posicionamento nos conflitos étnicos-nacionalistas, pois uma das torcidas representava o nacionalismo Sérvio que era a torcida do Estrela Vermelha e a outra representava o conservadorismo e o nacionalismo Iugoslavo, que era a torcida do Partizan. Portanto, a torcida do Estrela Vermelha se tornou o polo do nacionalismo Sérvio, todos os que compactuavam com tal ideologia apoiavam o time. Segundo o documentário da BBC "The Real Football Factories International" no episódio Balcásaté os dias atuais, o chamado derby de Belgrado entre Estrela Vermelha e Partizan é um dos jogos mais tensos do mundo, pois não é apenas futebol, é também política, rivalidade e um ódio histórico.

Com todo esse contexto respectivo ao futebol e a política, se torna claro que são temas que se misturam, até mesmo a religião era usada como cunho ideológico por torcidas para representar o nacionalismo. No caso da Iugoslávia, quanto mais se observa a ligação entre o futebol e a política da época, mais é possível ver que o futebol influenciou sim na guerra entre Sérvia e Croácia. A partida entre o Estrela Vermelha e o Dínamo Zagreb em 1990, apenas colocou para fora todos os ânimos e ódios que as pessoas representadas pelos torcedores estavam sentindo uns pelos outros, duas torcidas representando o nacionalismo de cada país frente a frente, foi uma batalha antes da guerra.

Fotografia que mostra a briga entre torcedores do Dínamo Zagreb (Croácia) e do Estrela Vermelha (Sérvia) no fatídico jogo em 1990



FONTE: PAGINACINCO.BLOGOSFERA.UOL.COM.BR

Poucos meses depois, esses mesmos torcedores estavam digladiando entre si novamente, porém, agora, não mais com socos e pontapés e sim com armas e granadas. Até hoje as torcidas entoam cânticos em homenagens a esses torcedores que deram suas vidas pela causa nacionalista de seus países. O futebol nos Bálcãs não é apenas um jogo, é política, é religião, é uma guerra inacabada que é revivida a cada jogo e a cada apito do árbitro. (THE REAL FOOTBALL FACTORIES, BBC, 2006)

As guerras e tensões que ocorreram na antiga Iugoslávia na década de 1990, como a Guerra dos dez dias (1991), Guerra da Croácia (1991-1995), Guerra da Bósnia (1992-1995) e Guerra do Kosovo (1998-1999), deixaram marcas até os dias de hoje. Conflitos armados, genocídios e crimes de guerra foram cometidos nas batalhas por independência e a intervenção da ONU e da

OTAN levaram os conflitos a um certo fim, acordos foram firmados e a guerra em “vias de fato” terminou. Porém, o sentimento de revanche e de algo inacabado permaneceu em muitas pessoas, os nacionalismos não morreram, existem até hoje. O futebol ainda é palco de enfrentamentos entre as nações que guerrearam entre si nos anos 1990. As guerras de dissolução da Iugoslávia tiveram um fim no papel, porém na realidade ainda estão bem vivas, os ódios étnicos cultivados por séculos e fomentados por diferenças culturais e religiosas resistiram a guerra. As disputas na década de 1990, serviram apenas para aumentar os sentimentos nacionalistas e os ódios entre os povos. O futebol foi um dos meios de enfrentamento entre os países e no decorrer dos anos pós-guerra, ou seja, o futebol foi o meio encontrado pelos nacionalistas de reviverem a guerra, de reviverem suas ideologias. Portanto, nas arquibancadas as torcidas organizadas de clubes como Hadrjuk Split e Dínamo Zagreb da Croácia e Estrela Vermelha e Partizan da Sérvia enaltecem os nacionalismos de seus países e revivem as ideologias e histórias da década de 1990. (THE REAL FOOTBALL FACTORIES, BBC, 2006)

Muitos se orgulham daquela época como sendo os anos de ouro dos hooligans e nos estádios desses clubes, existem memoriais em homenagem aos torcedores que serviram na guerra em defesa de seus ideais, um exemplo é o memorial que fica no estádio do Dínamo Zagreb homenageando os torcedores dos Bad Blue Boys que lutaram contra os Sérvios na guerra de independência da Croácia:

Memorial em homenagem aos torcedores do Dínamo Zagreb que lutaram na Guerra da Croácia (1991-1995), localizado no estádio do Dínamo em Zagreb, Croácia



FONTE: BALKANIST.NET

3.2 Os Conflitos Étnicos Dentro de Campo

Após o jogo entre Dínamo Zagreb e Estrela Vermelha em 1990, outros jogos envolvendo clubes e até mesmo seleções nacionais, mostraram que o sentimento nacionalista está vivo e mesmo décadas depois, em jogos entre essas nações, é nítido que não é apenas um jogo, apenas um confronto dentro de campo, é uma batalha entre inimigos históricos que ainda não esqueceram o passado recente de guerras. Os jogadores entram de forma mais violenta em campo, provocações são feitas, além de que, os torcedores entoam cânticos exaltando seus nacionalismos e até mesmo queimam bandeiras de seu país rival. Alguns exemplos são: os jogos entre Sérvia e Croácia pela Eliminatória para a copa do mundo de 2014, o jogo foi em 2013, Sérvia e Albânia pela Eliminatória para a Eurocopa de 2016, o jogo foi em outubro de 2014 entre Sérvia e Suíça pela Copa do mundo de 2018 na Rússia. Para ficar claro, iremos detalhar cada uma dessas partidas, para que possamos entender que a guerra do século passado, ainda acontece dentro dos campos de futebol.

3.3 Croácia x Sérvia: A Guerra Nunca Acabou

O jogo entre Sérvia e Croácia pela Eliminatória para a copa do mundo de 2014, ocorreu um ano antes do mundial, em 2013. A partida teve o mando de campo da Sérvia e esse jogo, assim como a batalha entre o Dínamo e o Estrela em 1990, representava os nacionalismos de cada país. (Foer, 2005, p. 20)

Sérvia e Croácia atuaram em lados opostos durante a Guerra da Croácia (1992-1995), os sérvios na época da guerra defendiam uma manutenção da Iugoslávia visando a criação futura da chamada Grande Sérvia, já a Croácia com o nacionalismo crescente buscava sua independência em relação a Iugoslávia, além do Contexto de perseguição dos Ustashes croatas (fascistas que apoiaram Hitler nos Bálcãs na segunda guerra mundial) contra os sérvios.(THE DEATH OF YUGOSLAVIA, BBC, 1996)

Os Ustashes promoveram um genocídio étnico com um foco nos sérvios e a bandeira símbolo dos Ustashes, era uma bandeira quadriculada em vermelho e branco que tremula na bandeira croata até hoje, além de ser as cores e o desenho do uniforme da seleção croata e, logo quando os sérvios entram em campo veem símbolos que pertenceram aos Ustashes, ou seja, um símbolo que causa dor para os sérvios e, em questão de representatividade, é como se a Alemanha tivesse em sua bandeira uma suástica. (THE DEATH OF YUGOSLAVIA, BBC, 1996)

Portanto, até mesmo nos uniformes a guerra, o ódio e a rivalidade dos países são revividos. Esse jogo foi marcado por entradas duríssimas e alguns cartões vermelhos, mas o ápice dos ódios foi quando os torcedores da Sérvia foram filmados queimando uma bandeira croata.

Torcedores da Sérvia queimam bandeira da Croácia em partida válida pelas eliminatórias para a copa do mundo de 2014 no Brasil. Belgrado, Sérvia.



FONTE: Globoesporte.com

3.4 Sérvia x Albaneses do Kosovo

O jogo entre Sérvia e Albânia pela Eliminatória para a Eurocopa de 2016, foi realizado em outubro de 2014 com mando de campo da Sérvia. As tensões entre Sérvia e Albânia são causadas também por questões étnicas e nacionalistas, porém, é um caso diferente do caso entre Croácia e Sérvia. A Sérvia e a Albânia são etnicamente diferentes e religiosamente diferentes também, suas religiões e etnias nutrem uma inimizade histórica desde o século XIII. A Albânia não fazia parte da antiga Iugoslávia, porém, o território do Kosovo localizado dentro da Iugoslávia, é formado por mais de 90% da

população é da etnia albanesa. O grande entrave da situação era que, nos anos 1990, o Kosovo passou a ser de domínio sérvio e os sérvios, liderados por Slobodan Milosevic, promoveram no Kosovo, uma perseguição aos albaneses e uma limpeza étnica visando expulsar os albaneses do Kosovo e manter o território kosovar sobre seus domínios. (Alves, 2013, p.39)

Com isso, além de criar uma maioria sérvia no território, a questão é que pela população kosovar ter uma maioria albanesa, os nacionalistas albaneses do Kosovo não aprovavam o posicionamento sérvio. Houve uma guerra conhecida como Guerra do Kosovo (1998-1999), buscando acabar com as discussões. Essa guerra terminou com a entrada da OTAN no conflito e a aliança militar entrou do lado kosovar, livrando os albaneses do Kosovo, das mãos dos Sérvios. Em 2008, o Kosovo declarou sua independência frente a Sérvia, situação que é contestada pelos sérvios e seus aliados. Países como EUA, Inglaterra e alguns países da União Europeia, aprovam a independência do Kosovo, já a Sérvia, Espanha e Rússia não aprovam. Com todo esse contexto confuso e conturbado, as seleções entraram em campo e, por uma determinação da organização da competição e um acordo de ambos os países, a torcida do jogo seria unicamente da Sérvia. A partida foi marcada por várias provocações. O autor Luís Oliveira, comenta sobre a partida:

“A partida, realizada em Belgrado no estádio do Partizan, contou com um público de 25.500 pessoas. Por um acordo entre ambas as federações e temendo a possibilidade de um conflito, concordou-se em permitir somente a entrada de torcedores locais no estádio. A partida foi a primeira entre as duas seleções no referido grupo. Antes mesmo do início da partida, consta que a torcida sérvia já entoava cânticos ofensivos e que incitavam a violência contra os albaneses, que continuaram a cantar pelo restante da partida. Nesses cantos, é possível ouvir “Ubi, ubi, Shiptara!” (Mate, mate os albaneses) ou ainda “Ubi, Zakolji, da Spitar ne Postoji”(Mate os albaneses, massacre-os, até que nenhum deles reste)“ (OLIVEIRA, 2017, p.39).

O Autor mostra bem como funciona os ódios entre as duas etnias, uma partida repleta de tensões que deixa bem claro que existe uma guerra inacabada, uma guerra étnica por território e influência, podemos ver pelos

gritos da torcida o verdadeiro sentimento de um povo para o outro, ainda nessa partida algumas outras coisas aconteceram;

“Os torcedores também queimaram uma bandeira da OTAN, além de disparos de diversos fogos de artifício e sinalizadores. Ao início da partida, o hino da Albânia foi também ostensivamente vaiado... adentrou no estádio um drone carregando uma bandeira com o mapa da Grande Albânia, que compreende não apenas a Albânia, mas também territórios da Sérvia, Montenegro, Macedônia e Grécia, juntamente com outros símbolos e elementos nacionalistas... No instante em que o drone diminuiu sua distância do solo, o jogador sérvio Stefan Mitrovic apanhou a bandeira e a arrancou, sob os aplausos da torcida“ (OLIVEIRA, 2017, p.39).

Para o autor, esse episódio mostra, de forma clara, que ainda existe nos Balcãs uma guerra sem fim, o ódio entre as nações é colocado de novo em um campo de batalha, porém agora, a batalha acontece nos campos de futebol.

Fotografia do jogador sérvio Stefan Mitrovic apanhando a bandeira da grande Albânia.



FONTE: GLOBOESPORTE.COM

O jogo entre Sérvia e Suíça pela Copa do mundo de 2018 na Rússia, é o acontecimento mais recente e tem por contexto o mesmo que o jogo entre Sérvia e Albânia, porém esse caso é curioso, não envolve as seleções em si, nem mesmo torcedores e sim jogadores que tem ascendência albanesa. Durante a Guerra do Kosovo (1998-1999), muitas pessoas fugiram por causa da guerra e dentre os refugiados, estavam as famílias de dois jogadores profissionais de futebol, Xherdan Shaqiri e Granit Xhaka que se refugiaram na Suíça. Os dois jogadores, defendem a seleção do país que os acolheu quando fugiram do Kosovo, mas ambos são muito ligados com suas origens albanesas.

Quis o destino que no ano de 2018, na Copa do Mundo de futebol que aconteceu na Rússia, houvesse um jogo entre Suíça e Sérvia e ambos os atletas são titulares de sua seleção. No desenrolar do jogo, cada um deles marcou um gol e nas comemorações, os dois comemoraram com um símbolo nacionalista albanês, feito com as mãos, que representa uma águia de duas cabeças que é a figura presente na bandeira da Albânia. (Lisboa, 2018)

Fotografia que mostra a comemoração nacionalista do jogador Xherdan Shaqiri.



FONTE: GLOBOESPORTE.COM

A FIFA acabou punindo os jogadores por causa do ato na comemoração ser de cunho político, o que vai contra o código disciplinar da entidade. Com os casos do jogo entre Albânia e Sérvia em 2014 e as comemorações feitas na Copa do Mundo de 2018, podemos ver que até a atualidade, a questão do Kosovo é discutida e o futebol é um meio dos nacionalismos e da guerra passada voltarem à tona e os torcedores e jogadores, muitas vezes, representam o pensamento de uma sociedade. (Lisboa, 2018)

Com todos esses casos no futebol que aqui foram abordados, é nítido que o futebol e a política e até mesmo a religião estão intimamente ligados. No caso dos Bálcãs os nacionalismos enraizados na população e trabalhados por anos a fio, ainda existem e são bem fortes dentro de cada nação. Segundo Oliveira (2017, p.39) é possível perceber que várias guerras da antiga Iugoslávia, chegaram a um fim apenas no papel porque na mente e nas atitudes de muitas pessoas, essa guerra ainda existe. Clubes de futebol, jogadores e principalmente as torcidas, representam os nacionalismos de uma

determinada nação. Os jogadores acabam sendo a voz da torcida e da população quando falam para mídia, além de estarem representando suas ideologias, vestindo a camisa de seu país, vestindo seu nacionalismo. A torcida que, durante as guerras da Croácia (1991-1995), da Bósnia (1992-1995) e guerra do Kosovo (1998-1999) foi até mesmo usada como uma unidade paramilitar e outros torcedores foram para as batalhas em prol de uma causa étnica

“O futebol é muito mais que um esporte, ou mesmo um modo de vida: é uma metáfora da nova ordem mundial, com toda a sua complexidade, os clubes de futebol espelham classes sociais e ideologias políticas, e frequentemente inspiram uma devoção mais intensa que as religiões. É um esporte com interesses reais - capaz de arruinar regimes políticos e deflagrar movimentos de libertação” (FOER, 2005, p.1)

Hoje, tem no meio das arquibancadas, um lugar de fala, de colocar para fora seus sentimentos, de entoar seus cânticos nacionalistas. O futebol é muito mais que um jogo, é um contexto social, um sentimento e no caso dos Bálcãs, o futebol representa o nacionalismo.

CONCLUSÃO

Após toda a análise das bibliografias para a fundamentação teórica do trabalho, é possível concluir que a Iugoslávia foi um país multiétnico e com uma política e organização do Estado bem confusa para quem enxerga de fora. Desde sua criação em 1945 e suas formações anteriores com outros nomes como o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, as diferentes etnias já viviam juntas em um mesmo território o que sempre gerava algum conflito ou acaloramento entre nacionalistas rivais.

Podemos concluir também que o passado dos Bálcãs refletiu no período da dissolução da Iugoslávia na década de 1990 e gera consequências até hoje. Desde o século XIV etnias se enfrentam no território onde viria a ser a Iugoslávia. Albaneses e sérvios iniciaram, nesse período, sua animosidade e a questão do expansionismo muçulmano fez com que os sérvios ortodoxos rivalizassem com os albaneses por essa questão religiosa além de que, a expansão muçulmana tomou territórios que eram sérvios no Kosovo, fazendo com que surgisse o nacionalismo sérvio.

Os nacionalismos étnicos foram uma das causas principais nas guerras por independência na década de 1990. A Iugoslávia, formada por seis repúblicas e duas províncias autônomas era repleta de grupos étnicos diferentes onde cada um tinha seu nacionalismo.

Os desejos nacionalistas emergiam em alguns períodos distintos da história balcânica, o nacionalismo sérvio nasceu no século XIV, assim como o nacionalismo muçulmano dos albaneses do Kosovo, na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) o nacionalismo croata cresceu com o domínio Ustashe, o nacionalismo bósnio se dividia em parte croata, parte sérvia e parte muçulmana da Bósnia que era diferente do nacionalismo muçulmano do Kosovo.

Todos esses nacionalismos juntos quando eram influenciados por seus ideais de expansionismo, acabavam formando o chamado “barril de pólvora” dos Bálcãs. O enfrentamento dos nacionalismos étnicos balcânicos acabaram

sendo o estopim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a causa do fim da Iugoslávia na década de 1990.

O futebol entra no jogo do nacionalismo no início da década de 1990, ele foi um dos agentes da guerra. O jogo entre Dínamo Zagreb e Estrela Vermelha é considerado o estopim da Guerra da Croácia (1991-1995), onde os nacionalismos de croatas e sérvios ultrapassaram os limites das quatro linhas em uma briga generalizada, outros casos mais recentes do futebol nos mostram que as guerras que fizeram a Iugoslávia chegar ao fim estão longe de acabar, ainda existe uma chaga na sociedade dos países que pertenceram a federação iugoslava, ainda vigora entre as pessoas, resquícios dos conflitos no decorrer da história e o futebol é hoje onde os nacionalismos podem reviver essas guerras.

É possível afirmar que a situação conflituosa dos Bálcãs entre os países que formavam a Iugoslávia ainda está longe de acabar, até hoje eles ainda vivem uma certa “Guerra Fria” e a animosidade entre os lados ainda perdura, os ódios ancestrais ainda existem e o “barril de pólvora” dos Bálcãs pode estar apenas temporariamente apagado.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Augusto Lindgren. Os Novos Bálcãs. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LISBOA, Daniel. Por que Sérvia x Kosovo é o maior incidente político da Copa até agora? **UOL**, 26 de jun. 2018. Opinião disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2018/noticias/2018/06/26/por-que-a-servia-protagonizou-o-unico-incidente-politico-da-copa-ate-agora.htm>. Acesso em: 5 de nov. 2020.

OLIVEIRA, Danilo L. G. Reflexos Sócio-políticos na Justiça Desportiva: Análise das Decisões dos Tribunais Desportivos Europeus em casos de conflitos étnicos dentro de estádios. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2017.

THE DEATH OF YUGOSLAVIA, BBC, 1996.

THE REAL FOOTBALL FACTORIES, BBC, 2006